



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização | Psicologia da Educação

Dissertação

Papéis de Género e Sexismo Ambivalente em Adolescentes.

Beatriz Branco Bentinho

Orientador(es) | Madalena Melo

Évora 2024



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização | Psicologia da Educação

Dissertação

Papéis de Género e Sexismo Ambivalente em Adolescentes.

Beatriz Branco Bentinho

Orientador(es) | Madalena Melo

Évora 2024



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente | Constança Biscaia (Universidade de Évora)

Vogais | Madalena Melo (Universidade de Évora) (Orientador)
Norma da Luz Ferrarini (Universidade Federal do Paraná) (Arguente)

Dedicatória

Avô,

Nas palavras de Saramago, “encontramo-nos noutra sítio”.

Até lá, encontro-te no meu pensamento e no meu coração.

Espero que estejas orgulhoso.

*What died didn't stay dead
You're alive, you're alive in my head*

Taylor Swift

Agradecimentos

Há seis anos iniciei o meu percurso académico na Muy Nobre e Sempre Leal Cidade de Évora. Foi uma viagem repleta de desafios e incertezas, de surpresas e alegrias, na qual experienciei alguns dos melhores momentos da minha vida. Concluo-a assim com a redação da presente dissertação, não podendo deixar de agradecer o apoio de diversas pessoas.

À Professora Madalena, agradeço por todo o seu auxílio. Agradeço pela partilha de conhecimentos ao longo destes anos, por toda a atenção, tempo e disponibilidade, e sobretudo pela exigência; sem si não teria o rigor técnico e científico necessário à conclusão do meu percurso académico.

À minha família, agradeço por todo o amor. À minha mãe, por fazer sempre os possíveis e os impossíveis por mim, mas acima de tudo por nunca me deixar atirar a toalha ao chão. Ao meu pai, por me inspirar a ser a melhor versão de mim mesma e por toda a sabedoria que partilha comigo. À minha irmã, pelo eterno companheirismo; não seria a pessoa que sou hoje se não tivesse crescido ao teu lado e por isso sou grata. À minha avó Maria do Carmo, por todo o colo, afeto e suporte incondicional. Tudo o que sou hoje, é graças a vocês. Espero fazer-vos tão orgulhosos/as quanto vocês me fazem a mim.

A todas as minhas pessoas, agradeço por todas as memórias. São os/as melhores amigos/as que poderia ter. Agradeço especialmente à Maria Inês, por me ouvir, compreender e amparar como ninguém; és parte de mim. À Inês, a primeira com quem me encontrei nesta viagem e que tão depressa se tornou das pessoas mais especiais e importantes de sempre. À Filipa e à Mariana, por me guiarem e orientarem, cada uma à sua maneira; foram e continuam a ser fundamentais e imprescindíveis.

Por fim, agradeço a todos/as os/as meus/minhas colegas de turma e às restantes pessoas que de alguma forma se cruzaram comigo ao longo destes últimos anos. Estávamos todos/as onde deveríamos estar.

A todos/as vós estarei eternamente grata!

Papéis de Género e Sexismo Ambivalente em Adolescentes

Resumo

Este estudo tem como principal objetivo compreender de que forma o sexismo se manifesta entre os/as adolescentes. Para tal utilizou-se uma amostra constituída por 139 estudantes do ensino secundário, residentes em três concelhos da zona do Alentejo e Médio-Tejo, com idades compreendidas entre os 14 e os 19 anos. Para a recolha de dados foi utilizado o Inventário do Sexismo Ambivalente (Glick & Fiske, 1996) e o Inventário de Ambivalência em relação aos Homens (Glick & Fiske, 1999), adaptados para a população portuguesa por Costa e colegas (2015), para além de um questionário de caracterização sociodemográfica. Os resultados indicam que, no que concerne o sexismo em relação às mulheres, os adolescentes apresentam mais sexismo hostil e benevolente do que as adolescentes, e que relativamente ao sexismo em relação aos homens, as adolescentes apresentam mais sexismo hostil do que os adolescentes, no entanto, os adolescentes apresentam mais sexismo benevolente. Verifica-se ainda a existência de níveis superiores de sexismo entre os/as adolescentes mais novos/as, mais religiosos/as, com ideias políticas mais à direita e residentes em concelhos mais urbanos.

Palavras-Chave: Papéis de Género; Estereótipos; Sexismo; Sexismo Hostil; Sexismo Benevolente; Adolescentes.

Gender Roles and Ambivalent Sexism in Adolescents

Abstract

The main objective of this study is to understand how sexism manifests itself among adolescents. To this end, we used a sample consisting of 139 high school students living in three municipalities in the Alentejo and Médio-Tejo area, aged between 14 and 19 years. Data was collected using the Ambivalent Sexism Inventory (Glick & Fiske, 1996) and the Ambivalence Inventory towards Men (Glick & Fiske, 1999), adapted to Portuguese by Costa and colleagues (2015), in addition to a sociodemographic characterization questionnaire. The results indicate that, regarding sexism towards women, adolescent boys present more hostile and benevolent sexism than adolescent girls, and regarding sexism towards men, adolescent girls present more hostile sexism than adolescent boys, however, adolescent boys exhibit more benevolent sexism. Even so, there are higher levels of sexism mostly between younger teenagers, more religious, with more right-wing political ideas and living in more urban municipalities.

Palavras-Chave: Gender Roles; Stereotypes; Sexism; Hostile Sexism; Benevolent Sexism; Teenagers.

Índice

Dedicatória.....	I
Agradecimentos	II
Resumo	III
Abstract.....	IV
Índice	V
Índice de Tabelas	VI
Introdução	1
1. Enquadramento.....	2
Papéis de Género e Estereótipos.....	2
Sexismo e Sexismo Ambivalente	7
Adolescência, Papéis de Género e Sexismo Ambivalente	13
2. Método.....	17
Objetivos e Hipóteses	17
Participantes	18
Instrumentos	21
3. Procedimentos	23
Recolha de Dados	23
Análise de Dados	24
4. Apresentação e Análise de Resultados	25
5. Discussão.....	34
Referências Bibliográficas.....	40

Índice de Tabelas

Tabela 1. Caracterização Sociodemográfica dos/as participantes (género, idade, concelho)	19
Tabela 2. Caracterização Sociodemográfica dos/as participantes (ano de escolaridade, curso)	19
Tabela 3. Caracterização Sociodemográfica dos/as participantes (posição religiosa e posição política).....	20
Tabela 4. Comparação de médias no Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) em função do género (t-test).....	25
Tabela 5. Comparação de médias no Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens (AMI) em função do género (t-test)	26
Tabela 6. Coeficiente de Correlação de Pearson (r) entre a idade e os fatores do Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) e do Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens (AMI).....	27
Tabela 7. Coeficiente de Correlação de Pearson (r) entre o nível de religiosidade e os fatores do Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) e do Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens (AMI)	28
Tabela 8. Comparação de médias no Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) em função da posição religiosa (ANOVA)	29
Tabela 9. Comparação de médias no Inventário de Ambivalência em relação aos Homens (AMI) em função da posição religiosa (ANOVA)	29
Tabela 10. Coeficiente de Correlação de Pearson (r) entre a posição política e os fatores do Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) e do Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens (AMI)	30
Tabela 11. Comparação de médias no Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) em função da posição política (ANOVA)	31
Tabela 12. Comparação de médias no Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens (AMI) em função da posição política (ANOVA).....	32
Tabela 13. Coeficiente de Correlação de Pearson (r) entre os fatores do Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) e do Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens (AMI).....	33

Introdução

Direitos, deveres e oportunidades iguais para todas as pessoas são aspetos que compõem a igualdade de género, sendo a mesma fundamental e indispensável para a conquista de um mundo melhor para todos/as que nele existem. Para além disso, é também um dos direitos humanos contemplados na Declaração Universal dos Direitos Humanos (Organização das Nações Unidas [ONU], 2024; Simões, 2021).

Nas últimas décadas, a igualdade de género tem sido promovida no plano legislativo, não só em Portugal, mas também a nível internacional (Torres et al., 2018), através da pressão dos movimentos feministas, os quais têm como objetivo primordiais a plena igualdade (Nogueira, 2001b), e através de grupos ligados a diferentes identidades de género (Torres et al., 2018). No entanto, e apesar dos esforços, algumas inovações legislativas não são valorizadas e enfrentam, inclusivamente, alguma resistência por parte de quem deve aplicar as leis (Torres et al., 2018). Atualmente, os estereótipos de género e as expressões mais tradicionais do sexismo continuam a prevalecer, apesar do impacto que os movimentos feministas, conforme referido acima, tiveram na sociedade, na medida de terem contribuído para a redução da restritividade dos papéis sociais estabelecidos para homens e para mulheres (Centro de Estudos Sociais [CES], 2024; Simões, 2021).

O sexismo é uma ideologia assente em estereótipos e preconceitos relativamente ao sexo e aos papéis sociais atribuídos à mulher e ao homem (CES, 2020). Para além disso, tem também um papel preditor nas desigualdades de género, através da legitimação e manutenção da hierarquia de género existente na sociedade (Brandt, 2011; Simões, 2021).

No entanto, um dos enormes desafios atuais existentes no campo da igualdade de género consiste na manifestação de novas formas de sexismo mais subtis e que têm e/ou podem ter um tom positivo, o que acaba por dificultar o processo do seu reconhecimento e a sua erradicação (Moya & Expósito, 2001; Simões, 2021).

Surge então a Teoria do Sexismo Ambivalente, que contempla quer crenças hostis, quer crenças benevolentes, relativamente cada género, considerando que ambas exercem um papel na perpetuação da desigualdade de género (León, 2017; Simões, 2021). Esta teoria, criada por Glick e Fiske em 1996, estabelece que o carácter social dominante dos homens, articulado com a necessidade e a interdependência para com as mulheres, se traduz em dois tipos diferentes de sexismo – resultando no sexismo ambivalente. A sua

ambivalência surge a partir da existência de duas perspetivas diferentes, designadamente, a componente negativa, que se reflete no sexismo hostil, e a componente positiva, que se reflete no sexismo benevolente. Ainda assim, a dualidade de estruturas do sexismo, que resulta no sexismo ambivalente, está profundamente relacionada (Simões, 2021).

Não há dúvida de que o patriarcado prevalece entre culturas, ou que a reprodução heterossexual continua a promover a interdependência íntima entre homens e mulheres. Esta união entre a dominação masculina e a interdependência heterossexual tem implicações profundas para as ideologias culturais de género, e a ambivalência parte de cada género em relação ao outro ajuda a explicar muitas das aparentes contradições que as relações de género apresentam (Rudman & Glick, 2008).

O presente estudo foi realizado à luz dos conceitos acima mencionados, começando com uma revisão de literatura que contempla definições mais abrangentes desses mesmos conceitos, nomeadamente, papéis de género e estereótipos de género, sexismo e sexismo ambivalente e a sua relação na adolescência.

1. Enquadramento

Papéis de Género e Estereótipos

O sexo ou sexo biológico abrange diversas características observáveis (e.g. órgãos genitais externos) e não observáveis (e.g., gónadas, cromossomas sexuais, órgãos reprodutores internos), sendo atribuído através da observação dos órgãos genitais externos do/a bebé, na ecografia ou quando a criança nasce. Considerando a forma dos genitais (pénis e testículos ou vulva), atribui-se um género (masculino ou feminino), tornando sexo e género categorias equivalentes (American Psychological Association [APA], 2021a; Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género [CIG], 2024; Gato, 2022; Ordem dos Psicólogos Portugueses [OPP], 2020).

O género ou sexo cultural ou social contempla diferentes dimensões, nomeadamente os papéis de género, a expressão de género e a identidade de género. É uma construção social resultante das expectativas criadas em função da pertença a um sexo biológico. Desse modo, ser do sexo feminino ou do sexo masculino geralmente pressupõe, de um ponto de

vista social, uma associação a um determinado conjunto de características, papéis e normas pré-determinadas (APA, 2021a; OPP, 2020; CIG, 2024; Gato, 2022). Sendo uma construção social, o género varia de cultura para cultura, ainda que preservando na sua base um regime restritivo e prescritivo de possibilidades de se ser mulher ou homem. Sempre que os indivíduos ou grupos não se comportam em conformidade com as normas de género culturalmente estabelecidas na cultura onde se inserem, podem enfrentar situações de estigma, discriminação e exclusão social (CIG, 2024; OPP, 2020; Gato, 2022).

Os papéis de género são normas de interações, comportamentos e expectativas aprendidas sobre a divisão de atividades entre homens e mulheres, dependendo do contexto histórico-cultural no qual surgem (Mihic, 2017). Segundo a Unicef (2017), são estas que determinam quais as responsabilidades e as tarefas tradicionais atribuídas a homens e a mulheres, as quais são frequentemente condicionadas pela estrutura familiar, pelos impactos específicos da economia global (Guimarães, 2021), pela ocorrência de conflitos ou desastres e por outros fatores relevantes, como as condições ecológicas (European Institute for Gender Equality [EIGE], 2024).

Na nossa sociedade, coexistem três visões contrapostas em relação ao papel do homem e da mulher: tradicional, igualitária e transitória (Somech & Drach-Zahavy, 2016). A primeira reflete as diferenças esperadas nos papéis dos homens e das mulheres (e.g. os homens devem ser responsáveis pela subsistência económica da família, pelo que é mais provável que lhes sejam atribuídos papéis relacionados com o trabalho profissional remunerado). Por outro lado, espera-se que as mulheres devam ser responsáveis pela família, sendo assim mais provável que lhes sejam atribuídas funções domésticas. As perceções igualitárias sustentam que os papéis não devem ser segregados por género, ou seja, homens e mulheres podem desempenhar papéis iguais no trabalho e em casa. Por fim, as perceções transitórias são o “meio-termo” entre a tradicional segregação de papéis e as atitudes igualitárias (Somech & Drach-Zahavy, 2016). Uma perceção transitória típica em relação aos papéis de género é a de que é aceitável que as mulheres dediquem energia tanto ao domínio do trabalho como ao domínio da família, no entanto, devem ter proporcionalmente mais responsabilidade pelo lar, e os homens devem concentrar proporcionalmente mais a sua energia no trabalho (Helgeson, 2020).

Os papéis de género derivam da distribuição discrepante existente entre os homens e as mulheres, quer em casa, como no local de trabalho, sendo que esta distribuição suscita

concepções estereotipadas de género. Em casa, são as mulheres quem desempenha o principal papel de cuidadora, enquanto no trabalho ocupam serviços orientados para as pessoas, em vez de ocupações competitivas como é o caso dos homens (Hentschel et al., 2018), associadas a maior poder e consecutivamente a ocupações de maior prestígio (Dunham et al., 2015).

Assim, os papéis de género relacionam-se com os estereótipos na medida em que conduzem à criação de ideias e expectativas estereotipadas sobre a natureza e o comportamento de homens e mulheres (i.e. estereótipos de género), que levam a um tratamento diferenciado de homens e mulheres e de rapazes e raparigas (Endendijk et al., 2017).

Um estereótipo é um esquema ou conjunto de crenças sobre um determinado grupo de pessoas. Os estereótipos de papéis de género são as características que atribuímos às mulheres e aos homens na nossa sociedade, características não atribuídas devido ao sexo biológico, mas devido aos papéis sociais que os homens e as mulheres ocupam (Helgeson, 2020).

Os estereótipos de género incluem uma variedade de atributos normalmente associados a homens e a mulheres, nomeadamente, características físicas, preferências e interesses, papéis sociais e ocupações (Rudman & Glick, 2008). Os pioneiros das investigadores acerca de estereótipos perceberam que os estereótipos podem servir duas funções básicas (Allport, 1954; Allport, 1979 cit. in Rudman & Glick, 2008): para a simplificação cognitiva, que se refere ao uso de estereótipos para facilitar o entendimento dos outros e com os outros, agrupando-os em grupos; a outra função, conhecida como racionalização, refere-se à forma como os estereótipos permitem aos observadores justificar as suas próprias crenças e a sua conduta em relação aos outros (Rudman & Glick, 2008).

De acordo com Fiske e Stevens (1993), os estereótipos de género podem ser de natureza descritiva (i.e. quando são crenças sobre como os homens e as mulheres normalmente agem) ou prescritiva (i.e. quando são crenças sobre o que os homens e as mulheres devem agir). Os estereótipos de género prescritivos podem ser positivos e negativos: são considerados positivos quando designam comportamentos desejáveis que um género é encorajado a apresentar mais do que o outro, e são considerados negativos quando designam comportamentos indesejáveis que um género deve evitar mais que o outro (Koenig, 2018).

Acredita-se que a natureza prescritiva dos estereótipos de gênero deriva naturalmente de uma educação partilhada, com opiniões sobre os papéis de gênero e as competências de gênero transmitidas dos pais e mães aos seus descendentes masculinos e femininos. Os pais e as mães, explícita ou implicitamente, “conversam sobre gênero” com os seus filhos e as suas filhas, enfatizando categorias de gênero e ensinando quais são os comportamentos apropriados e inadequados para rapazes e raparigas (de Vries et al. 2023).

Os indivíduos que mantêm crenças tradicionais sobre os papéis de gênero normalmente apoiam o papel da mulher como cuidadora em casa e na família, e o papel do homem enquanto provedor de apoio financeiro como o ganha-pão da família. A investigação demonstra que as crenças tradicionais sobre os papéis de gênero são mais fortemente apoiadas pelos homens do que pelas mulheres (Brewster & Padavic, 2000; Dicke et al., 2019; Larsen & Long, 1988).

Alguns estudos indicaram frequentemente que os membros de cada gênero, especialmente as mulheres, são apresentados de forma estereotipada, sendo muitas vezes definidos apenas com base na sua aparência ou no seu comportamento nas relações, e com traços de personalidade e papéis limitados. Um desses estereótipos destaca a beleza, a magreza, a aparência física e o apelo sexual como sendo fundamentais para o valor das raparigas e das mulheres (Rousseau et al., 2018; McDade-Montez et al., 2017). Entre outras características típicas que são normalmente associadas a mulher, podemos enumerar empatia, cordialidade, gentileza e consideração pelos sentimentos dos outros; por outro lado, também existem características estereotipadas mais negativas, tais como serem excessivamente emocionais, dependentes e fracas (Rudman & Glick, 2008).

Relativamente a características mais frequentemente associadas a homens, destacam-se características positivas como a competência e a ambição, e características negativas, incluindo a arrogância, hiper-competitividade e insensibilidade para com os outros (Rudman & Glick, 2008). Estudos sobre diversos tipos de programação infantil indicam que os personagens masculinos são mais propensos do que as personagens femininas a serem fisicamente agressivos e a dar ordens aos outros, e são menos propensos a serem medrosos, educados, frágeis ou românticos (Aubrey & Harrison, 2004; Leaper et al., 2002). O estudo de Glascock (2001), realizado sobre a programação televisiva do horário nobre nos Estados Unidos da América, revela que os personagens masculinos são mais agressivos verbal e fisicamente do que as personagens femininas, e que as personagens

femininas são mais apreciadas e mais orientadas para a família do que os personagens masculinos (Sink & Mastro, 2017). Por outro lado, num estudo de publicidades de televisão em horário nobre nos Estados Unidos da América que apresentava tarefas domésticas (e.g. cuidar dos filhos e cozinhar), os homens foram descritos como menos bem-sucedidos nas tarefas domésticas do que as mulheres (Scharrer et al., 2006).

Estas diferenças na forma como homens e mulheres são caracterizados têm sido frequentemente ligadas a duas dimensões – agência e comunitária – apresentadas pela primeira vez por Bakan (1966) como duas “modalidades fundamentais” pelas quais as pessoas vivem. Bakan (1966) definiu como “agente” o indivíduo que se concentra em alcançar as suas próprias necessidades, e definiu como “comunitário” quem se refere a viver uma vida que se conecta aos outros. Os estereótipos dos homens enfatizam a agência (e.g. cuidar de si mesmos, procurar cumprir os próprios objetivos), enquanto os estereótipos das mulheres enfatizam a comunidade (e.g. ter consideração pelos outros, procurar ligações, demonstrar empatia e compreensão) (Rudman & Glick, 2008).

Os estereótipos podem servir enquanto função adaptativa, permitindo às pessoas categorizar e simplificar o que observam e fazer previsões sobre os outros (Fiske & Taylor, 2013; Hentschel et al., 2018). No entanto, os estereótipos também podem induzir avaliações erradas das pessoas, i.e. avaliações baseadas na generalização de crenças sobre um grupo que não correspondem às qualidades únicas de uma pessoa. Estas avaliações erradas podem afetar negativa ou positivamente as expectativas sobre o desempenho e distorcer as decisões consequentes que têm impacto nas oportunidades e nos resultados do trabalho, tanto para homens como para mulheres (Heilman, 2012; Hentschel et al., 2018).

Os estereótipos de género ajudam a perpetuar uma divisão que afeta substancialmente a vida das mulheres, vistas como submissas, enquanto os homens são assumidos como dominantes (Donnelly & Twenge, 2017; González-Rivera & Díaz-Loving, 2018). Subjacentes a estas convenções sociais atribuídas ao género, estão relações de hierarquia e estatuto (Velasco & Hernández, 2017), nas quais homens e mulheres são hierarquizados/as, conduzindo a desigualdades e a atitudes sexistas (Falcón et al., 2016), sendo que o sexismo implica qualquer prática ou preconceito que leve à desvalorização da mulher em relação ao homem (Ramos et al., 2018).

Sexismo e Sexismo Ambivalente

O sexismo é uma forma de preconceito ou discriminação com base no sexo biológico da pessoa, manifestando-se por meio de crenças e atitudes depreciativas relativamente a determinado grupo, sobretudo mulheres (Rosenthal et al., 2014; Simões, 2021). O reconhecimento da persistente e crescente desvantagem social da mulher impulsionou o estudo sobre a temática, levando à origem do termo “sexismo” (Lorenzi-Cioldi & Kulich, 2015; Simões, 2021). Allport (1962) definiu sexismo como sendo o desprezo pelas mulheres, onde as mesmas são colocadas numa posição inferior resultante do processo de socialização de uma cultura sobre o conjunto de crenças das características de homens e mulheres.

O sexismo é instrumentalizado pelo homem de forma a garantir a perpetuação de crenças e atitudes que acentuam as desigualdades de género, nomeadamente, através de menosprezo pelo sexo feminino (Ferreira, 2004; Simões, 2021; Sousa, 2015). Os estereótipos de género existentes, que, na maior parte das vezes, atribuem um maior estatuto ao homem do que à mulher, estão na base do sexismo. Assim, é possível concluir que o sexismo está assente nas assimetrias de género, sobretudo as que são mais desfavoráveis para as mulheres (Lorenzi-Cioldi & Kulich, 2015; Simões, 2021; Sousa, 2015).

As atitudes sexistas são omnipresentes na sociedade e definem as expectativas de género. Como tal, as atitudes sexistas também estão associadas ao endosso dos papéis tradicionais de género para homens e mulheres. No entanto, à medida que o estatuto social e político das mulheres muda, os papéis de género mais tradicionais e as formas hostis do sexismo tornaram-se menos comuns, contribuindo para ambientes mais “politicamente corretos” (Dueñas et al., 2020).

De acordo com o Conselho da Europa (2019) considera-se sexismo qualquer atitude, gesto, representação visual, linguagem oral ou escrita, prática ou comportamento baseado no pressuposto de que uma pessoa ou grupo de pessoas é inferior devido ao seu sexo, quer ocorra na esfera pública, quer na esfera privada, através de via eletrónica, ou não. Contudo, estudos recentes têm demonstrado a existência de uma forma de sexismo mais subtil, caracterizada por uma proteção paternalista e aparentemente positiva, tendo por base justificações de domínio masculino, e de papéis de género mais gentis, ainda que reconhecendo a dependência dos homens em relação às mulheres, intitulada de sexismo ambivalente (Costa et al., 2015).

Várias teorias têm surgido no estudo do sexismo, uma das quais é a Teoria do Sexismo Ambivalente (Glick & Fiske, 1996, 2018), na qual a presente investigação se irá centrar. A Teoria do Sexismo Ambivalente sugere que o sexismo, como qualquer outra atitude afetiva, pode consistir em sentimentos negativos ou positivos (Helgeson, 2020), sendo uma construção multidimensional que engloba dois conjuntos de atitudes interrelacionadas: o Sexismo Hostil e o Sexismo Benevolente.

O Sexismo Hostil refere-se ao conjunto de atitudes que são estereótipos sexistas, negativos e agressivos (Glick & Fiske, 1997). Assim, o sexismo hostil engloba hostilidade, violência e estereótipos, servindo para justificar o patriarcado e o poder masculino, os papéis tradicionais de género e a exploração masculina das mulheres como objetos sexuais por meio de caracterizações depreciativas das mesmas (Becker, 2010; Becker & Wright, 2011; Glick & Fiske, 1997; Masser & Abrams, 2004). O sexismo hostil também está enraizado na crença de que os homens são mais competentes que as mulheres e, portanto, merecem maior estatuto e mais poder, crença essa também acompanhada por um medo correspondente de que as mulheres aproveitem a sexualidade ou a ideologia feminista para extrair poder dos homens (Becker, 2010; Becker & Wright, 2011; Glick & Fiske, 1997; Masser & Abrams, 2004).

Contrastando, o Sexismo Benevolente também se refere ao conjunto de atitudes sexistas, mas que são aparentemente positivas para o grupo dominante e o grupo subordinado, sendo uma expressão afetuosa ou aparentemente positiva do poder masculino (Glick & Fiske, 1997). Caracterizados como cavalheirismo, esses comportamentos paternalistas são frequentemente percebidos como lisonjeiros e carinhosos (Glick & Fiske, 1997), e dependentes de justificações gentis e protetoras da dominação masculina e dos papéis de género prescritos. Esses comportamentos parecem geralmente positivos principalmente porque são pró-sociais e buscam intimidade, no entanto, o sexismo benevolente não é visto como positivo, uma vez que seus fundamentos estão relacionados com os estereótipos tradicionais e a dominação masculina, restringindo as atividades das mulheres de acordo com as normas sociais e confinando as mesmas a papéis com menos estatuto e poder do que os dos homens. Tais consequências são muitas vezes prejudiciais (Glick & Fiske, 1996).

Perceber as mulheres tanto em termos negativos como positivos parece contraditório. A ambivalência nas atitudes em relação às mulheres decorre do paradoxo de que as mulheres detêm um estatuto inferior ao dos homens, mas que o estereótipo feminino é mais positivo

do que o estereótipo masculino. Esta relação positiva sublinha a ideia de que tanto o sexismo hostil como o sexismo benevolente se baseiam numa crença de que as mulheres são inferiores aos homens (Glick et al., 2000).

As duas formas de sexismo estão relacionadas, e ambas não só contribuem para manter a desigualdade de género, mas também para justificar o sistema existente de relações de género, de forma a reforçar o estatuto dos homens na sociedade. Apesar disso, ambas as formas de sexismo partilham três componentes, cada uma com o seu aspeto hostil e o seu aspeto benevolente, que giram em torno de questões relacionadas com o poder, a diferenciação de género e a heterossexualidade (Glick & Fiske, 1997), de modo a fundamentar as condições sociais e biológicas que caracterizam as relações entre os sexos (Serrão & Formiga, 2013).

Com a finalidade de medir estes construtos, Glick e Fiske (1996) propuseram o Inventário de Sexismo Ambivalente, que avalia as atitudes negativas em relação à mulher. O objetivo da sua utilização é avaliar as atitudes negativas em relação à mulher no que se refere ao *poder* (paternalismo protetor e paternalismo dominante), à *diferenciação de género* (competitiva e complementar), e em relação à *heterossexualidade* (intimidade e hostilidade), possibilitando assim determinar o tipo de sexismo hostil ou benevolente (Costa et al., 2015).

Quanto ao *poder*, as diferenças entre homens e mulheres são racionalizadas através de ideologias baseadas no paternalismo. A característica hostil desta ideologia assenta na crença de que as mulheres devem ser controladas pelos homens, e define-se por paternalismo dominador; enquanto a característica benevolente, afirma que devido à autoridade, poder e força física que os homens possuem, estes devem proteger as mulheres, definindo-se por paternalismo protetor (Glick & Fiske, 1997).

Relativamente à *diferenciação de género*, compreende um lado hostil, denominado por diferenciação de género competitiva, através do qual o homem desenvolve atitudes competitivas em relação às mulheres como forma de manter e elevar a sua autoestima; e um lado benevolente, denominada por diferenciação de género complementar, expresso através de atitudes positivas (Ferreira, 2004) e consistente com os papéis tradicionais de género, na medida em que as mulheres possuem traços favoráveis, que complementam características estereotipicamente masculinas (Glick & Fiske, 1997).

E, por fim, quanto à *heterossexualidade*, os desejos e os medos dos homens em relação às mulheres são o último componente relativo às atitudes sexistas ambivalentes. Se por um lado a heterossexualidade hostil reflete a tendência dos homens considerarem as mulheres apenas como objetos sexuais, assim como medo de que as mulheres possam utilizar a atração sexual de modo a ganhar poder sobre os homens; por outro lado, a heterossexualidade íntima, procura romantizar as mulheres como objetos sexuais, considerando as mesmas como parceiras românticas necessárias para que um homem se sinta pleno (Glick & Fiske, 1997).

Embora o sexismo seja normalmente estudado e medido enquanto sentimentos em relação às mulheres, o mesmo também pode ser exibido em relação a homens (Helgeson, 2020). Mais tarde, Glick e Fiske (1999), ao observarem a forma como as mulheres respondiam aos fatores sociais associados aos comportamentos de género ambivalentes dos homens, desenvolveram o Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens, com o objetivo de avaliarem as atitudes sexistas em relação aos homens (Costa et al., 2015) no que se refere ao *poder* (paternalismo e maternalismo), à *diferenciação de género* (compensatória e complementar), e em relação à *heterossexualidade* (intimidade e hostilidade).

Quanto ao *poder*, a sua característica hostil manifesta-se através do paternalismo, e assenta no ressentimento sentido pelas mulheres do poder masculino, pelo facto de estes possuírem mais poder e terem comportamentos de superioridade; no entanto, ao mesmo tempo que as mulheres sentem ressentimento, as suas atitudes são moderadas por uma benevolência em relação aos homens, denominado de maternalismo, na medida em que os homens precisam das mulheres para os orientar e tomar conta deles (Guerra et al., 2004).

Relativamente à *diferenciação de género*, se por um lado se caracteriza os homens como incapazes, principalmente do ponto de vista da vida privada, através da diferenciação de género compensatória, por outro lado, reconhece-se os homens como protetores, que assumem riscos para proteger as mulheres, através da diferenciação de género complementar (Guerra et al., 2004).

E, por fim, quanto à *heterossexualidade*, compreende um lado hostil, denominado por heterossexualidade hostil, uma vez que é enfatizada uma noção de “homem de carácter”, que não só tenta dominar as mulheres, como considera estas como objetos sexuais; e um lado benevolente, denominado de heterossexualidade íntima, que assenta na importância

de uma intimidade heterossexual, na medida em que as mulheres heterossexuais precisam dos homens como parceiros românticos (Guerra et al., 2004).

É de salientar que ambos os inventários compreendem as mesmas dimensões, contudo, cada um dos instrumentos possui o seu foco, i.e. o Inventário de Sexismo Ambivalente foca-se em avaliar as atitudes negativas em relação às mulheres e o Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens foca-se em avaliar as atitudes negativas em relação aos homens.

Num estudo transcultural de Glick e colegas (2000), que envolveu 19 países e mais de 15.000 participantes, observou-se que as duas formas que caracterizam o sexismo ambivalente são, não só complementares, como constantes em diversas culturas e universalmente difundidas. Concluiu-se ainda que as oscilações nos níveis de hostilidade e de benevolência em relação às mulheres estão correlacionadas com os índices nacionais de desigualdade de género, sendo que em países reconhecidos por uma maior igualdade de oportunidades entre homens e mulheres, verificaram-se menores níveis de sexismo ambivalente, em comparação com países onde as desigualdades de género são mais predominantes (Bareket & Fiske, 2023).

Em Portugal, Costa e colegas (2012), avaliaram as atitudes sexistas numa população universitária portuguesa, tendo em conta as diferenças de género ao nível do preconceito e a sua relação com crenças socialmente convencionais. Este estudo revelou não só a existência de sexismo hostil e benevolente na população universitária portuguesa, como ainda que esta realidade se verifica tanto em relação aos homens como em relação às mulheres. Os homens expressaram maiores níveis de hostilidade e de benevolência em relação às mulheres e maiores níveis de benevolência em relação aos homens. Em contraste, as mulheres expressaram maiores níveis de hostilidade em relação aos homens (Costa et al., 2012).

As atitudes sexistas justificam e reforçam a desigualdade estrutural entre os géneros e, presumivelmente, a mudança dessas atitudes é uma chave para alcançar uma maior igualdade. As instituições sociais estabelecidas podem agir para retardar ou acelerar essa mudança. Uma sociedade é composta por muitas instituições sociais, incluindo algumas que tendem a fortalecer e outras que tendem a desafiar os mitos legitimadores que sustentam o status quo (Glick et al., 2002). Estando o sexismo incorporado em sistemas de crenças mais amplos associados a hierarquias específicas de valores, uma das

instituições sociais mais fortes que criam e justificam hierarquias específicas de valores é a religião (Mikołajczak & Pietrzak, 2014).

Embora a maioria das religiões pregue aos seus crentes que devem amar e confiar nos seus próximos, as evidências sugerem que o sexismo e outras formas de preconceito podem paradoxalmente ser exacerbadas através de religião, especialmente em conjunto com altos níveis de religiosidade e fundamentalismo (Hunsberger & Jackson, 2005, Hannover et al., 2018). Ao atribuir papéis marcadamente diferentes a homens e mulheres e ao justificá-los como “mandatados divinamente”, muitas religiões propagam atitudes sexistas (Glick et al., 2016).

Ampliar a definição de sexismo para incluir não apenas atitudes hostis, mas também atitudes aparentemente benevolentes resolve o aparente paradoxo na noção de que a religiosidade pode fomentar o sexismo. As crenças sexistas benevolentes podem servir para manter e reproduzir a desigualdade de gênero sem tornar a expressão explícita de atitudes negativas em relação às raparigas e mulheres uma parte dos ensinamentos religiosos. Assim, o conceito de sexismo ambivalente é particularmente adequado para explicar a ligação entre religiosidade e sexismo (Hannover et al., 2018).

A religiosidade relaciona-se principalmente com o sexismo através do conservadorismo social, que compreende o autoritarismo, ou seja, a obediência absoluta à autoridade e punição de quem não obedece, e o fundamentalismo, a crença em um único conjunto de doutrinas que contêm a verdade absoluta. Assim, o conservadorismo é o preditor mais forte de sexismo, o que pode ser explicado pela importância do conservadorismo na estabilidade, na conformidade e nas normas sociais (Etengoff & Lefevor, 2021).

Os estudos de Klingorová e Havlíček (2015) e Seguino (2011) mostram que a religiosidade está associada à desigualdade de gênero, ao sexismo e a atitudes negativas em relação à igualdade de gênero (Hannover et al., 2018). Adamczyk (2013) descobriu que quanto mais religiosos os participantes se descreviam como sendo, mais endossavam a desigualdade de gênero. Um estudo realizado na Polónia, com o objetivo de investigar a relação entre a religiosidade e as atitudes sexistas, concluiu que a religiosidade pode estar interligada com o sexismo benevolente, tendo esta relação sido medida através dos valores do conservadorismo e da abertura à mudança. Assim, os/as participantes religiosos/as pareciam valorizar o *status quo* social, a tradição e a conformidade, levando à interpretação das mulheres através dos papéis sociais tradicionais (Mikołajczak &

Pietrzak, 2014). Por fim, o estudo de Hannover e colaboradores (2018) demonstra que os participantes muçulmanos endossaram crenças sexistas benevolentes e hostis em relação às mulheres mais fortemente do que os participantes cristãos e os participantes não religiosos, enquanto os dois últimos grupos não diferiram entre si.

Relativamente à posição política, ideologia política é um forte preditor de preconceitos como o sexismo, entre outros (Hodson et al., 2017; Sibley et al., 2007). Em vez de serem uma coleção heterogênea de ideias adquiridas ao longo da vida, as crenças que formam as ideologias tendem a associar-se em grupos, nomeadamente, entre ideologias progressistas ou de esquerda e ideologias conservadoras ou de direita (Duckitt & Sibley, 2010; Jost, 2017). De acordo com Christopher e Mull (2006), Lee (2013), Sibley e colaboradores (2007), ideologias conservadoras, nomeadamente o autoritarismo de direita, são um importante preditor de sexismo, especificamente de sexismo benevolente.

Estes resultados são consistente com o impacto que a tradição possui no autoritarismo de direita, nomeadamente ideias classicamente associadas à direita política, como a ordem e a hierarquia, na medida em que o sexismo benevolente pode servir de um meio para preservar tais tradições que, por sua vez, podem reforçar a desigualdade de género (Christopher & Wojda, 2008; Austin & Jackson, 2019).

Adolescência, Papéis de Género e Sexismo Ambivalente

À semelhança de todo o desenvolvimento humano, a adolescência é processo de várias etapas que se caracterizam por situações de crise, ambivalência, conflito, procura de identidade e crescente autonomia. Contudo, a construção de identidade é considerada uma das principais tarefas desta fase, uma vez que é ao longo desta que o jovem adere gradualmente um novo significado de subjetividade que modifica tanto a representação de si próprio como do outro (Remédios, 2010).

A adolescência é a fase de desenvolvimento em que rapazes e raparigas definem sua identidade e estilos de comportamento em relacionamentos íntimos. É o momento onde o questionamento e o posicionamento crítico contra atitudes sexistas é necessário para promover relacionamentos igualitários e independentes que permitam que mulheres e homens se desenvolvam emocional e profissionalmente. Existem implicações importantes para a adolescência, uma vez que manter atitudes sexistas nesta fase do desenvolvimento, durante a qual é provável o início das relações de casal, pode afetar as

relações que os adolescentes têm como adultos (García-Vega et al., 2017; Sierra et al., 2018).

A consciência acerca do sexismo influencia significativamente as atitudes de gênero dos/das adolescentes. As adolescentes, especificamente, são mais propensas do que os adolescentes a reconhecer comportamentos sexistas se as mesmas demonstrarem atitudes igualitárias de gênero. Para além disso, as adolescentes que mencionaram ter aprendido sobre o feminismo, também demonstraram o mesmo tipo de resultados (Leaper & Brown, 2008), sendo possível concluir que o feminismo tem um impacto útil para o entendimento de experiências e crenças sexistas (Landrine & Klonoff, 1997; Simões, 2021). No entanto, esse mesmo impacto poderá tomar diferentes formas, nomeadamente, as adolescentes poderão demonstrar uma maior vontade para aprender sobre o feminismo após serem afetadas pelo sexismo ou, em contrapartida, o próprio entendimento prévio sobre o feminismo poderá contribuir para a identificação do sexismo (Leaper & Brown, 2018; Simões, 2021).

Considerando ainda as possíveis diferenças entre posturas sobre o sexismo, a pressão sobre as adolescentes para se conformarem com os papéis de gênero normativos e o *status quo* poderá ter resultados diferentes - poderão sentir-se insatisfeitas com esses papéis tradicionais, ou então, apesar de sofrerem da mesma pressão, poderão ainda assim sentir-se satisfeitas com os papéis de gênero, o que facilitará o desmerecimento de atos e crenças sexistas (Simões, 2021).

A idade, no entanto, poderá influenciar as formas de discriminação de gênero, tornando-as mais subtis e suaves, o que, naturalmente, resultará em diferentes formas de perceber e compreender essa mesma discriminação (Simões, 2021). O estudo de Glick e Hilt (2000) sugere que os adolescentes desenvolvem sentimentos ambivalentes para com as adolescentes durante a puberdade, que flutuam entre a hostilidade e a benevolência. A benevolência surge associada às adolescentes que correspondem aos papéis de gênero estereotipadamente femininos, enquanto a hostilidade surge associada às adolescentes que, em contrapartida, estão insatisfeitas com o status quo. Contrastando, as adolescentes demonstram ter consciência da posição que ocupam socialmente, ao reconhecerem o maior poder comumente associado a eles. Estes resultados traduzem-se numa dinâmica de gênero na qual as mulheres que se resignam com as normas sociais tradicionais são recompensadas pelos homens com benevolência (Simões, 2021).

Já o estudo de Vaamonde (2010) sobre a relação entre valores humanos e sexismo contou com a participação de 202 estudantes argentinos/as. Os seus resultados concluem que o sexismo benevolente é o mais manifestado entre os/as estudantes. Relativamente às diferenças entre géneros, o sexismo hostil surgiu mais frequentemente manifestado pelos adolescentes, enquanto o sexismo benevolente não registou diferenças significativas entre os géneros (Simões, 2021). O estudo de Lameiras e Rodríguez (2002), com uma amostra de 406 adolescentes espanhóis e espanholas, concluiu que os adolescentes manifestam mais atitudes sexistas hostis do que as adolescentes.

Ferreira (2004), Recio e colegas (2007) e De Lemus e colegas (2008), com amostras de 540 estudantes brasileiros e brasileiras, de 245 estudantes espanhóis e espanholas e de 364 estudantes também espanhóis e espanholas, concluíram que os adolescentes apresentam mais atitudes sexistas hostis do que as adolescentes, enquanto as adolescentes apresentaram mais atitudes sexistas benevolentes (Simões, 2021).

Já Ayala e colegas (2021), num estudo com 1.555 estudantes de seis cidades europeias, concluíram que existem diferenças por género nas pontuações de sexismo benevolente e hostil, com os rapazes a reportarem mais sexismo do que as raparigas.

Fasanelli e colaboradores (2020), no seu estudo com 400 adolescentes italianos e italianas, concluíram que os rapazes e as raparigas expressam o seu sexismo de forma diferente, com o sexismo ambivalente entre as raparigas a ser mais afetado pelo sexismo benevolente do que pelo sexismo hostil. Pelo contrário, entre os rapazes, o sexismo hostil tem um impacto maior e existe uma grande disparidade na sua visão dos dois tipos de sexismo. Por fim, no estudo de Fernandes e colegas (2020) com 259 alunos/as portugueses/as de 9º ano, os adolescentes apresentaram valores superiores de sexismo hostil comparativamente aos das adolescentes. Em contrapartida, as adolescentes apresentaram valores superiores de sexismo benevolente comparativamente com os adolescentes.

Relativamente ao fator idade, o mesmo mostrou ser importante para a compreensão do fenómeno que é o sexismo. Comparando o estudo de Lameiras e Rodríguez (2002), referido acima com outros estudos com amostras semelhantes, é possível concluir que o sexismo diminui com o aumentar da idade dos/as adolescentes. No estudo de De Lemus e colaboradores (2010) com 1447 adolescentes em Espanha, também se obtiveram resultados dos quais se pode concluir que a idade dos/as adolescentes impactou

negativamente os níveis de sexismo hostil e sexismo benevolente. Também Fernández e Castro (2003) chegaram à conclusão de que atitudes sexistas dos/as participantes mais velhos e com um nível de escolaridade foram menores do que as dos/as adolescentes mais novos. Similarmente, na investigação de Garaigordobil e Maganto (2013), com uma amostra dos 14 aos 25 anos de idade, as/os adolescentes mais novos, especificamente aqueles/las cujas idades se compreendiam entre os 14 e os 18 anos, pontuaram mais alto para o sexismo hostil e o sexismo benevolente, comparativamente aos/as jovens mais velhos, especificamente os/as jovens com idades compreendidas entre os 19 aos 25 anos (Simões, 2021).

Quanto à localização geográfica e a sua relação com o desenvolvimento e/ou manutenção de crenças sexistas, destaca-se a investigação de Castro e Alonso-Ruido (2017) com 150 adolescentes em Espanha. Estes autores concluíram que os maiores níveis de sexismo vieram dos/das adolescentes pertencentes a escolas localizadas em áreas mais rurais, comparativamente aos/às adolescentes pertencentes a escolas situadas em áreas urbanas. Da mesma forma, também o estudo de Khan (2017), realizado no Bangladesh, permite concluir que o sexismo hostil surge associado à estrutura patriarcal mais comumente existente entre comunidades residentes em zonas rurais. No mesmo estudo, o isolamento geográfico é apontado como uma causa provável para a obtenção destes resultados (Simões, 2021).

A adolescência é a fase do desenvolvimento onde ocorre o momento de transição para esta ambivalência de crenças e atitudes, tanto as positivas quanto as negativas (Rojas Pedregosa & Moreno Díaz, 2016), o que torna a adolescência numa fase fulcral. Desse modo, o desenvolvimento de atitudes sexistas na adolescência terá um impacto enorme no comportamento, crenças e formas de estar atuais e futuras dos/as adolescentes, nomeadamente nos seus relacionamentos, uma vez que os mesmos começam a emergir nesta mesma fase (Andrews et al., 2018; Simões, 2021).

Na mesma linha, destacam-se as investigações de Cañete e Novas (2012), de Castro e colegas (2013) e de Montañes e colegas (2013). Nestas investigações, as conclusões foram similares: quanto maiores os níveis de sexismo entre as/os adolescentes, maiores as atitudes positivas relativamente à violência em relações de intimidade, mais comportamentos sexuais de risco, maior atração por parceiras/os sexistas, maior dependência emocional do parceiro e pior qualidade nos relacionamentos (Simões, 2021). Especificamente o estudo de Dosil e colegas (2020), mostra que a violência no namoro

entre adolescentes está associada ao sexismo, tanto benevolente como hostil. Os/as participantes que afirmaram ter sido violentos/as com os/as seus/suas parceiros/as relataram níveis mais elevados de sexismo do que aqueles/las que nunca recorreram a qualquer forma de violência nas suas relações.

Estes estudos demonstram que atitudes positivas em relação aos papéis tradicionais de género surgem várias vezes relacionadas com níveis mais elevados de violência nas relações de casal. Desse modo, existem implicações importantes para a adolescência, uma vez que manter atitudes sexistas nesta fase do desenvolvimento, durante a qual é natural o início das relações afetivas, pode afetar as relações que os/as adolescentes podem vir a ter no futuro (García-Vega et al., 2017; Sierra et al., 2018).

Tendo em conta o exposto e dada a relevância que o tema tem assumido nos últimos anos, este estudo aborda crenças sexistas numa fase chave da vida que é a adolescência, onde a influência sociocultural direta está presente, transmitindo conceitos distorcidos de masculinidade e feminilidade, de poder e de controlo, baseados em crenças de autoridade dominante dos homens sobre as mulheres e ao mesmo tempo satisfazendo a sua necessidade de proteção.

2. Método

Objetivos e Hipóteses

Definiu-se a seguinte questão de investigação: de que forma o sexismo ambivalente se manifesta entre os/as adolescentes? Tendo em conta o objetivo geral desta investigação, foram delineados os seguintes objetivos específicos:

1. Identificar o tipo de sexismo ambivalente em relação às mulheres mais frequente entre os/as adolescentes;
2. Identificar o tipo de sexismo ambivalente em relação aos homens mais frequente entre os/as adolescentes;
3. Verificar qual a relação entre o sexismo ambivalente em relação às mulheres e o género, a idade, a posição religiosa e a posição política;

4. Verificar qual a relação entre o sexismo ambivalente em relação aos homens e o género, e a idade, a posição religiosa e a posição política.

Desta forma, pretende-se responder às seguintes hipóteses:

Hipótese 1 (H1): Relativamente ao sexismo em relação às mulheres, o género masculino apresenta maiores níveis de sexismo hostil e benevolente do que o género feminino.

Hipótese 2 (H2): Relativamente ao sexismo em relação aos homens, o género feminino apresenta maiores níveis de sexismo hostil do que o género masculino, e o género masculino apresenta maiores níveis de sexismo benevolente do que o género feminino.

Hipótese 3 (H3): As crenças sexistas diminuem com o aumentar da idade.

Hipótese 4 (H4): Os níveis de sexismo relacionam-se com a religiosidade.

(H4.1.) Quanto mais religiosos/as, mais altos os níveis de sexismo.

(H4.2.) Existem diferenças entre os níveis de religiosidade e o sexismo.

Hipótese 5 (H5): Os níveis de sexismo relacionam-se com a posição política.

(H5.1.) Quanto mais à direita, mais altos os níveis de sexismo.

(H5.2.) Existem diferenças entre as posições políticas e o sexismo.

Hipótese 6 (H6): O sexismo em relação às mulheres e o sexismo em relação aos homens correlacionam-se positivamente.

Participantes

O presente estudo conta com 139 participantes (N=139), alunos/as do Ensino Secundário de algumas escolas dos distritos de Évora e Santarém.

Os/as participantes apresentam uma média de idade de 16.68 (DP=1.136, Moda=17, Mediana=17), num intervalo de idades entre os 14 e os 19 anos. Desta amostra, 88 (63.3%) identificam-se como sendo do género feminino, 50 (36%) do género masculino e 1 (.7%) como outro. A maioria dos/as participantes estuda em escolas de dois concelhos do distrito de Santarém (24.5%, N=34 e 25.9%, N=36), enquanto (N=69) 49.6% estuda

numa escola de um concelho do distrito de Évora. Destaca-se que os dois concelhos do distrito de Santarém são cidades, uma das quais capital de distrito, enquanto o concelho do distrito de Évora é considerado uma vila.

Tabela 1. Caracterização Sociodemográfica dos/as participantes (género, idade, concelho)

Características Sociodemográficas	Participantes	
	<i>n</i>	%
Género		
Feminino	88	63.3%
Masculino	50	36%
Outro	1	.7%
Idade		
14/15 anos	25	18%
16 anos	32	23%
17 anos	43	30.9%
18/19 anos	39	28.1%
Concelho		
Concelho 1 (Distrito de Santarém)	34	24.5%
Concelho 2 (Distrito de Santarém – Capital)	36	25.9%
Concelho 3 (Distrito de Évora)	69	49.6%

No que diz respeito aos anos de escolaridade frequentados pelos/as alunos/as, 32.4% dos/as estudantes encontram-se a frequentar o 10º ano (N=45), 26.6% encontram-se a frequentar o 11º ano (N=37) e, por fim, 41% encontram-se a frequentar o 12º ano. Destes 139 estudantes do ensino secundário, 124 frequentam um curso científico-humanístico (89.2%) e 15 frequentam um curso profissional (10.8%).

Tabela 2. Caracterização Sociodemográfica dos/as participantes (ano de escolaridade, curso)

Características Sociodemográficas	Participantes	
	<i>n</i>	%
Ano de Escolaridade		
10º	45	32.4%
11º	37	26.6%
12º	57	41%
Curso		
Científico-humanístico	124	89.2%
Profissional	15	10.8%

Quanto à posição religiosa, a maioria dos/as estudantes considera-se nada/pouco religioso/a (56.1%, N=78), 25.2% considera ser moderadamente religioso/a (N=35) e 18.7% considera ser muito religioso/a (N=26). Relativamente à posição política, 59 pessoas consideram a sua posição política de centro (42.4%), 50 de esquerda (36%) e 30 de direita (21.6%).

Tabela 3. Caracterização Sociodemográfica dos/as participantes (posição religiosa e posição política)

Características Sociodemográficas	Participantes	
	<i>n</i>	%
Posição Religiosa		
Nada/pouco Religioso/a	78	56.1%
Moderadamente Religioso/a	35	25.2%
Muito Religioso/a	26	18.7%
Posição Política		
Esquerda	50	36%
Centro	59	42.4%
Direita	30	21.6%

Foi testada a equivalência das subamostras, especificamente das três subamostras referentes ao concelho de residência, tendo sido possível concluir que não são equivalentes quanto à posição religiosa, à posição política e aos níveis de sexismo dos/as alunos/as.

Relativamente à religiosidade, os/as alunos/as residentes no concelho 3 (distrito de Évora) apresentaram ser menos religiosos/as comparativamente com os/as alunos/as residentes nos concelhos 1 e 2 (distrito de Santarém) ($x = 1.39$; $x = 1.85$; $x = 1.86$, respetivamente; $p = .007$).

De forma semelhante, relativamente à posição política, os/as alunos/as residentes no concelho 3 (distrito de Évora) posicionaram-se mais perto da esquerda do que os/as alunos/as residentes nos concelhos 1 e 2 (distrito de Santarém) ($x = 1.72$; $x = 1.91$; $x = 2.06$, respetivamente; $p > .05$).

No que se refere ao sexismo, as subamostras também não são equivalentes, com os/as alunos/as do concelho 1 (distrito de Santarém) a apresentarem mais sexismo benevolente

em relação às mulheres ($F = 6.576$; $p = .002$) e mais sexismo hostil em relação aos homens ($F = 4.338$; $p = .015$), comparativamente com os restantes concelhos de residência, sendo que os níveis decrescem do concelho 1 ($\bar{x} = 3.04$; $\bar{x} = 3.06$), para o concelho 2 (capital do distrito de Santarém) ($\bar{x} = 2.84$; $\bar{x} = 2.86$) e para o concelho 3 (distrito de Évora) ($\bar{x} = 2.56$; $\bar{x} = 2.59$).

Instrumentos

Foram utilizados vários instrumentos com a finalidade de recolher os dados necessários para o desenvolvimento deste estudo. Os dados de caracterização dos/as participantes foram recolhidos através de um *Questionário Sociodemográfico* e os restantes dados foram recolhidos através do *Inventário do Sexismo Ambivalente* (Glick & Fiske, 1996) e do *Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens* (Glick & Fiske, 1999), ambos adaptados para a população portuguesa por Costa e colegas (2015).

- a. **Questionário Sociodemográfico.** Construído no âmbito do presente estudo, o questionário sociodemográfico teve como principal intuito recolher informações pessoais relevantes para a caracterização da amostra. Inclui diversos elementos de caracterização sociodemográfica, tais como, género, idade, concelho, posição religiosa, posição política, nível de escolaridade e curso frequentado pelo/a participante. As questões relativas ao posicionamento religioso e político dos/as participantes foram construídas através de uma escala de *Likert* de 9 pontos. Relativamente à posição religiosa, 1 corresponde a “nada religioso/a” e 9 corresponde a “muito religioso/a”. Quanto à posição política, 1 corresponde a “extrema-esquerda” e 9 corresponde a “extrema-direita”.

- b. **Inventário de Sexismo Ambivalente.** Nesta investigação foi utilizado o Inventário de Sexismo Ambivalente adaptado para a população portuguesa por Costa e colegas (2015). Este instrumento, adaptado a partir do *Ambivalent Sexism Inventory* de Glick e Fiske (1996), tem como objetivo medir as atitudes sexistas em relação às mulheres, tendo em conta o *paternalismo* (dominante e protetor), a *diferenciação de género* (competitiva e complementar) e, por fim, a *heterossexualidade* (hostil e íntima), permitindo desta forma determinar o tipo de sexismo existente (hostil ou benevolente). É composto por 20 afirmações, medidas através de uma escala de *Likert*

de 5 pontos – de 1 “discordo totalmente” a 5 “concordo totalmente” – sendo que 9 afirmações são referentes ao sexismo hostil (e.g. “a maioria das mulheres interpreta comentários ou atos inocentes como sendo sexistas”) e as restantes 11 afirmações são referentes ao sexismo benevolente (e.g. “as mulheres deviam ser estimadas e protegidas pelos homens”) (Costa et al., 2015).

Para a adaptação do Inventário de Sexismo Ambivalente, realizada por Costa e colegas (2015), o instrumento foi administrado a 258 estudantes universitários de ambos os sexos e com uma média de idade de 27 anos. A análise fatorial confirmatória revelou evidência da multidimensionalidade do inventário, tendo sido também demonstrada a validade e a confiabilidade da adaptação. Esta adaptação permitiu determinar a existência de dois fatores (cada um com três subfatores): o fator do sexismo hostil, explicativo de 41% da variância total, e o fator do sexismo benevolente, explicativo de 41% da variância total. Relativamente ao sexismo hostil, os subfatores – *paternalismo dominante*, *diferenciação de género competitiva e hostilidade heterossexual* – são compostos por nove itens. Já o sexismo benevolente, os subfatores – *paternalismo protetor*, *diferenciação de género complementar e intimidade heterossexual* – são compostos por onze itens.

- c. **Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens.** Nesta investigação foi utilizado o Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens adaptado para a população portuguesa por Costa e colegas (2015). Este instrumento, adaptado a partir do *Ambivalence toward Men Inventory* de Glick e Fiske (1999), visa medir as atitudes ambivalentes das mulheres em relação aos homens, tendo em conta o *poder* (paternalismo e maternalismo), a *diferenciação de género* (compensatória e complementar) e, por fim, a *heterossexualidade* (hostil e íntima). É composto por 20 afirmações, medidas através de uma escala de *Likert* de 5 pontos – de 1 “discordo totalmente” a 5 “concordo totalmente” – sendo que 10 afirmações são referentes ao sexismo hostil (e.g. “os homens irão sempre lutar para ter um maior controlo na sociedade do que as mulheres”) e as restantes 10 são referentes ao sexismo benevolente (e.g. “os homens são menos propensos a perder o controlo em situações de emergência do que as mulheres”) (Costa et al., 2015).

Para a adaptação do Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens para a população portuguesa, realizada por Costa e colegas (2015), o instrumento foi administrado a 258 estudantes universitários de ambos os sexos e com uma média de

idade de 27 anos. A análise fatorial confirmatória revelou evidência da multidimensionalidade do inventário, tendo sido também demonstrada a validade e a confiabilidade da adaptação. Esta adaptação permitiu determinar a existência de dois fatores (cada um com três subfatores): o fator do sexismo hostil, explicativo de 38% da variância total, e o fator do sexismo benevolente, explicativo de 50% da variância total. Relativamente ao sexismo hostil, os subfatores – *paternalismo, diferenciação de género compensatória e hostilidade heterossexual* – são compostos por dez itens. Já o sexismo benevolente, os seus subfatores - *maternalismo, diferenciação de género complementar e intimidade heterossexual* – são compostos pelos restantes dez itens.

3. Procedimentos

Recolha de Dados

Para a realização deste estudo foi necessário ter previamente a autorização do Ministério da Educação para a recolha dos dados. Uma vez recebida, foi estabelecido o contacto com os/as diretores/as de três escolas da região do Alentejo e do Médio Tejo, solicitando a sua colaboração.

Posteriormente, estabeleceu-se o contacto com os/as diretores/as de turma das turmas de 10º, 11º, e 12º anos dos cursos científico-humanísticos e dos cursos profissionais, sendo estes/as envolvidos/as como facilitadores/as no contacto com os/as encarregados/as de educação dos/as alunos/as. Aos/Às encarregados/as de educação e aos/às alunos/as que fariam parte da investigação, foi solicitada uma autorização formal, por escrito, explicando sumariamente o objetivo do estudo.

A recolha de dados foi realizada totalmente online. Assim, foi criado um formulário no *Google Forms*, que reunia todos os instrumentos supramencionados. A sua divulgação foi feita através do *email* institucional dos/as alunos/as. No início do questionário, foi novamente explicado o objetivo geral da investigação e assegurados os princípios éticos e de confidencialidade. O questionário *online* esteve disponível no final do ano letivo 2022/2023, tendo o *link* sido reenviado ao longo deste período, de forma a obter o maior número de respostas.

Análise de Dados

Após a recolha, os dados foram exportados para o IBM SPSS *Statistics* (versão 24), onde se procedeu à sua análise.

A verificação dos pressupostos de normalidade e da homogeneidade de variâncias revelou a existência da normalidade dos dados, mas não a homogeneidade de variâncias. Assim, a análise dos dados foi iniciada pela execução de testes paramétricos e não paramétricos, de forma a comparar os resultados.

Considerados os resultados obtidos e a sua semelhança, realizaram-se os testes paramétricos que, comparativamente aos testes não-paramétricos, demonstram maior robustez na apresentação de resultados mesmo quando existe violação dos pressupostos homogeneidade de variâncias (Marôco, 2007; Simões, 2022).

Realizaram-se testes *t*, com o objetivo de comparar médias de duas variáveis independentes, e testes *one-way* ANOVA, de modo a comparar médias de várias variáveis independentes. Posteriormente, utilizou-se o teste *Post-Hoc* de *Bonferroni* para todas as ANOVAs, procurando obter diferenças entre médias de forma mais detalhada e mais alargada (Marôco, 2007; Simões, 2022), tendo como objetivo reduzir o erro Tipo 1, cuja redução é feita através do ajuste do nível de significância, de forma que a taxa geral deste erro seja $p < .05$ (Field, 2018; Simões, 2022).

Também se deu destaque ao valor *eta squared* (η^2) para perceber o efeito da força da relação entre as variáveis (Cohen, 1988). Este valor varia de 0 a 1, sendo que o efeito se caracteriza como: pequeno, quando $\eta^2 < .06$; moderado, quando $.06 < \eta^2 < .14$; e grande, quando $\eta^2 > .14$ (Fritz et al., 2012; Pallant, 2005).

Em último lugar, realizaram-se análises de correlações através da análise do Coeficiente de Correlação de Pearson, uma vez que permite explorar a relação entre duas variáveis intervalares. Especificamente neste estudo, esta análise permitirá identificar e compreender de que forma é que os fatores do questionário e dos instrumentos estão relacionados, como também qual o tipo de relação (i.e. se é positiva ou negativa). Uma relação positiva significa que, conforme uma variável aumenta, a outra também aumenta. Em contrapartida, uma relação negativa significa que, enquanto uma variável aumenta, a outra diminui (Pallant, 2005; Simões, 2022).

Para interpretar esses resultados, foram consideradas as diretrizes de Cohen (1988), sendo que o valor de r pode variar de -1 a 1. Quando o valor se situa entre .10 e .29 (ou -.10 e -.29) é considerado baixo, o que se traduz numa fraca associação; quando se situa entre .30 e .49 (ou -.30 e -.49) é considerado moderado; e quando se situa entre .50 a 1 (ou -.50 e -1) é considerado alto, o que se traduz numa associação forte entre os fatores (Pallant, 2005; Simões, 2022).

4. Apresentação e Análise de Resultados

Resposta às Hipóteses Delineadas

H1: Relativamente ao sexismo em relação às mulheres, o género masculino apresenta maiores níveis de SH e de SB do que o género feminino.

Como se pode observar na tabela 4, existem diferenças estatisticamente significativas entre os géneros ($t = 5.707$; $p < .001$), com os adolescentes a manifestar níveis superiores de SH comparativamente com as adolescentes (médias respetivamente de 2.99 e de 2.29). Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito ao SB. As diferenças encontradas, de acordo com as *guidelines* de Cohen, têm um efeito grande na força da relação entre as variáveis ($\eta^2 = .196$).

Tabela 4. Comparação de médias no Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) em função do género (t-test)

Fatores	Género		t	p
	Feminino \bar{x} (s)	Masculino \bar{x} (s)		
<i>Sexismo Hostil</i>	2.29 (.655)	2.99 (.780)	5.707	<.001
<i>Sexismo Benevolente</i>	2.69 (.626)	2.83 (.748)	1.121	.264

Estes resultados demonstram que os participantes do género masculino apresentam atitudes de sexismo hostil superiores às adolescentes do género feminino, no entanto, o mesmo não se verifica com o sexismo benevolente. Desse modo, a Hipótese 1 é apenas parcialmente confirmada.

H2: Relativamente ao sexismo em relação aos homens, o género feminino apresenta maiores níveis de SH do que o género masculino, e o género masculino apresenta maiores níveis de SB do que o género feminino.

Como se pode observar na tabela 5, existem diferenças estatisticamente significativas entre os géneros ($t = 3.109$; $p < .05$), com as adolescentes a manifestar níveis superiores de SH comparativamente com os adolescentes (médias respetivamente de 2.93 e de 2.50). As diferenças encontradas, de acordo com as *guidelines* de Cohen, têm um efeito moderado na força da relação entre as variáveis ($\eta^2 = .068$).

Relativamente ao SB, também existem diferenças estatisticamente significativas entre os géneros ($t = -4.421$; $p < .001$), com os adolescentes a manifestar níveis superiores de SB comparativamente com às adolescentes (médias respetivamente de 2.75 e de 2.04). As diferenças encontradas, de acordo com as *guidelines* de Cohen, têm um efeito moderado na força da relação entre as variáveis ($\eta^2 = .128$).

Tabela 5. Comparação de médias no Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens (AMI) em função do género (t-test)

Fatores	Género		<i>t</i>	<i>p</i>
	Feminino \bar{x} (s)	Masculino \bar{x} (s)		
<i>Sexismo Hostil</i>	2.93 (.763)	2.50 (.794)	3.109	.002
<i>Sexismo Benevolente</i>	2.04 (.825)	2.75 (1.029)	4.421	<.001

Estes resultados demonstram que as participantes do género feminino apresentam atitudes de sexismo hostil superiores aos participantes do género masculino, e que os participantes do género masculino apresentam atitudes de sexismo benevolente superiores às participantes do género feminino. Assim, confirma-se a Hipótese 2.

H3: As crenças sexistas diminuem com o aumentar da idade.

De acordo com a tabela 6, ao observar a relação entre todos os fatores com a idade é possível verificar que a idade apresenta uma correlação muito fraca e negativa com todos os fatores, nomeadamente com o fator SH do ISA ($r = -.287$, $p < .01$), com o fator SB do

ISA ($r = -.214$, $p < .05$), com o fator SH do AMI ($r = -.206$, $p < .05$) e com o fator SB do AMI ($r = -.287$, $p < .01$).

Tabela 6. Coeficiente de Correlação de Pearson (r) entre a idade e os fatores do Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) e do Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens (AMI)

Fatores	1
1. Idade	-
2. Sexismo Hostil (ISA)	-.287**
3. Sexismo Benevolente (ISA)	-.214*
4. Sexismo Hostil (AMI)	-.206*
5. Sexismo Benevolente (AMI)	-.246**

** $p < .05$ ** $p < .01$*

Após a análise destes resultados é possível responder à hipótese. A análise da correlação com os fatores mostrou que a idade se correlaciona negativamente com todos os fatores dos dois inventários utilizados (Sexismo Hostil e Sexismo Benevolente, em ambos), podendo-se concluir que as crenças sexistas dos/das adolescentes tendem a diminuir com o avançar da sua idade cronológica. Assim, confirma-se a Hipótese 3.

H4: Os níveis de sexismo relacionam-se com a religiosidade.

H4.1.: Quanto mais religiosos/as, mais altos os níveis de sexismo.

Depois de observar a relação entre todos os fatores com o nível de religiosidade, é possível verificar na tabela 7 que o nível de religiosidade se correlaciona de forma positiva com todos os fatores, nomeadamente com o fator SH do ISA ($r = .264$, $p < .01$), tendo uma correlação muito fraca; com o fator SB do ISA ($r = .400$, $p < .01$), tendo uma correlação fraca; com o fator SH do AMI ($r = .249$, $p < .01$), tendo uma correlação muito fraca; e com o fator SB do AMI ($r = .351$, $p < .01$), tendo uma correlação fraca.

Tabela 7. Coeficiente de Correlação de Pearson (r) entre o nível de religiosidade e os fatores do Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) e do Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens (AMI)

Fatores	NR
Nível de Religiosidade (NR)	-
Sexismo Hostil (ISA)	.264**
Sexismo Benevolente (ISA)	.400**
Sexismo Hostil (AMI)	.249**
Sexismo Benevolente (AMI)	.351**

* $p < .05$ ** $p < .01$

Ao analisar estes resultados, é possível responder à hipótese. A análise da correlação com os fatores mostrou que a religiosidade se correlaciona positivamente com todos os fatores dos dois inventários utilizados (e.g. Sexismo Hostil e Sexismo Benevolente, em ambos), o que significa que os/as adolescentes mais religiosos apresentam ter mais crenças sexistas comparativamente com os/as adolescentes menos religiosos. Desse modo, confirma-se a Hipótese 4.1..

H4.2.: Existem diferenças entre os níveis de religiosidade e o sexismo.

Como se pode observar na tabela 8, no que toca o sexismo em relação às mulheres, existem diferenças estatisticamente significativas ($F = 6.238$; $p = .003$) entre as médias das posições religiosas ($\bar{x} = 2.40$; $\bar{x} = 2.55$; $\bar{x} = 3.00$) respetivamente ao SH. De acordo com as *guidelines* de Cohen, as diferenças encontradas têm um efeito moderado na força da relação entre as variáveis ($\eta^2 = .084$).

Também existem diferenças estatisticamente significativas ($F = 13.045$; $p = < .001$) entre as médias das posições religiosas ($\bar{x} = 2.52$) relativamente ao Sexismo Benevolente. De acordo com as *guidelines* de Cohen, as diferenças encontradas têm um efeito grande na força da relação entre as variáveis ($\eta^2 = .161$).

Tabela 8. Comparação de médias no Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) em função da posição religiosa (ANOVA)

Fatores	Posição Religiosa			F	η^2	p
	NPR M (DP)	MDR M (DP)	MR M (DP)			
<i>Sexismo Hostil</i>	2.40 (.797)	2.55 (.695)	3.00 (.667)	6.238	.084	.003
<i>Sexismo Benevolente</i>	2.52 (.657)	2.97 (.559)	3.15 (.592)	13.045	.161	< .001

Legenda: NPR = nada ou pouco religioso/a; MDR = Moderadamente religioso/a; MR = muito religioso/a

Relativamente ao sexismo em relação aos homens, de acordo com a tabela 9 existem diferenças estatisticamente significativas ($F = 5.268 / p = .006$) entre as médias das posições religiosas ($\bar{x} = 2.59 / \bar{x} = 2.96 / \bar{x} = 3.08$) no que respeita ao SH. As diferenças encontradas, de acordo com as guidelines de Cohen, têm um efeito moderado na força da relação entre as variáveis ($\eta^2 = .073 / .06 < \eta^2 < .14$).

Também existem diferenças estatisticamente significativas ($F = 10.197 / p = < .001$) entre as médias das posições religiosas ($\bar{x} = 2.01 / \bar{x} = 2.55 / \bar{x} = 2.85$) no que respeita ao SB. As diferenças encontradas, de acordo com as *guidelines* de Cohen, têm um efeito moderado na força da relação entre as variáveis ($\eta^2 = .130 / .06 < \eta^2 < .14$).

Tabela 9. Comparação de médias no Inventário de Ambivalência em relação aos Homens (AMI) em função da posição religiosa (ANOVA)

Fatores	Posição Religiosa			F	η^2	p
	NPR M (DP)	MDR M (DP)	MR M (DP)			
<i>Sexismo Hostil</i>	2.59 (.880)	2.96 (.662)	3.08 (.517)	5.268	.073	.006
<i>Sexismo Benevolente</i>	2.01 (.889)	2.55 (.908)	2.85 (.931)	10.197	.130	< .001

Legenda: NPR = nada ou pouco religioso/a; MDR = Moderadamente religioso/a; MR = muito religioso/a

Relativamente ao sexismo em relação às mulheres, os resultados obtidos demonstram que os/as participantes que se consideram “muito religiosos/as” apresentam níveis superiores de sexismo hostil e de sexismo benevolente comparativamente aos/às participantes que se consideram pouco ou nada religiosas ou moderadamente religiosas.

Relativamente ao sexismo em relação aos homens, esta análise demonstra que os/as participantes que consideram ser “muito religiosos/as” apresentam níveis de sexismo hostil e de sexismo benevolente superiores às restantes posições religiosas.

Tendo em conta todos os dados acima apresentados, confirma-se a Hipótese 4.2..

H5: Os níveis de sexismo relacionam-se com a posição política.

H5.1.: Quanto mais à direita, mais altos os níveis de sexismo.

Depois de observar a relação entre todos os fatores com a posição política, é possível verificar na tabela 10 que a posição política se correlaciona de forma positiva com quase todos os fatores, nomeadamente, com o fator SH do ISA ($r = .378, p < .01$), tendo uma correlação fraca; com o fator SB do ISA ($r = .227, p < .01$), tendo uma correlação muito fraca; e com o fator SB do AMI ($r = .266, p < .01$), tendo uma correlação muito fraca.

Tabela 10. Coeficiente de Correlação de Pearson (r) entre a posição política e os fatores do Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) e do Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens (AMI)

Fatores	PP
Posição Política (PP)	-
Sexismo Hostil (ISA)	.378**
Sexismo Benevolente (ISA)	.227**
Sexismo Hostil (AMI)	-.016
Sexismo Benevolente (AMI)	.266**

* $p < .05$ ** $p < .01$

Ao analisar estes resultados, é possível responder à hipótese. A análise da correlação com os fatores mostrou que a posição política se correlaciona positivamente com todos os fatores dos dois inventários utilizados (e.g. Sexismo Hostil e Sexismo Benevolente, em ambos), o que significa que os/as adolescentes que se posicionam mais à direita politicamente apresentam ter mais crenças sexistas comparativamente com os/as adolescentes que se posicionam mais ao centro e à esquerda. Desse modo, confirma-se a Hipótese 5.1..

H5.2.: Existem diferenças entre as posições políticas e o sexismo.

Como se pode observar na tabela 11, existem diferenças estatisticamente significativas ($F = 15.100$; $p = < .001$) entre as médias das posições políticas ($\bar{x} = 2.14$; $\bar{x} = 2.68$; $\bar{x} = 2.98$) relativamente ao SH. As diferenças encontradas têm um efeito grande na força da relação entre as variáveis ($\eta^2 = .182$), de acordo com as *guidelines* de Cohen.

Também existem diferenças estatisticamente significativas ($F = 7.273$; $p = < .001$) entre as médias das posições políticas ($\bar{x} = 2.55$; $\bar{x} = 2.74$; $\bar{x} = 3.12$), relativamente ao SB, sendo que as diferenças encontradas têm um efeito moderado na força da relação entre as variáveis ($\eta^2 = .097$), de acordo com as *guidelines* de Cohen.

Tabela 11. Comparação de médias no Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) em função da posição política (ANOVA)

Fatores	Posição Política			F	η^2	p
	Esquerda	Centro	Direita			
	\bar{x} (s)	\bar{x} (s)	\bar{x} (s)			
<i>Sexismo Hostil</i>	2.14 (.629)	2.68 (.758)	2.98 (.732)	15.100	.182	< .001
<i>Sexismo Benevolente</i>	2.55 (.661)	2.74 (.664)	3.12 (.578)	7.273	.097	.001

Como se pode observar na tabela 12, em relação ao sexismo em relação aos homens, existem diferenças estatisticamente significativas ($F = 10.374 / p = < .001$) entre as médias das posições políticas ($\bar{x} = 2.13 / \bar{x} = 2.11 / \bar{x} = 2.96$) no que toca o SB. As diferenças encontradas têm um efeito moderado na força da relação entre as variáveis ($\eta^2 = .132 / .06 < \eta^2 < .14$), de acordo com as *guidelines* de Cohen. Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito ao SH.

Tabela 12. Comparação de médias no Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens (AMI) em função da posição política (ANOVA)

Fatores	Posição Política			F	η^2	p
	Esquerda	Centro	Direita			
	\bar{x} (s)	\bar{x} (s)	\bar{x} (s)			
<i>Sexismo Hostil</i>	2.82 (.973)	2.69 (.677)	2.87 (.690)	.589	.009	.556
<i>Sexismo Benevolente</i>	2.13 (.946)	2.11 (.826)	2.30 (.959)	10.374	.132	< .001

No que diz respeito ao sexismo em relação às mulheres, estes resultados demonstram que os/as participantes que consideraram ter uma ideologia política mais à direita apresentam ter crenças de Sexismo Hostil e de Sexismo Benevolente superiores aos/às participantes que consideraram ter uma ideologia mais de centro/esquerda. Isto é, as crenças sexistas demonstram um decréscimo quando a posição política se aproxima do centro/esquerda.

No que concerne a ambivalência em relação aos homens, os/as participantes que consideraram ter uma ideologia política mais à direita apresentam crenças de Sexismo Benevolente superiores às restantes posições políticas, sendo que as crenças sexistas demonstram um decréscimo entre as posições políticas à direita e à esquerda, e da última posição política mencionada para posições ao centro.

Assim, a Hipótese 5.2. é confirmada.

H6: O sexismo em relação às mulheres e o sexismo em relação aos homens correlacionam-se positivamente.

Ao observar a relação entre todos os fatores é possível verificar na tabela 13 que o fator SH (ISA) se correlaciona de forma positiva com todos os fatores, nomeadamente, com o fator SB (ISA) ($r = .638$, $p < .01$), apresentado com correlação moderada; com o fator SH (AMI) ($r = .201$, $p < .05$), apresentando uma correlação muito fraca; e com o fator SB (AMI) ($r = .697$, $p = .01$), apresentando uma correlação moderada. O fator SB (ISA) correlaciona-se de forma positiva com todos os fatores, nomeadamente, com o fator SH (AMI) ($r = .500$, $p < .01$), apresentado com correlação moderada; e com o fator SB (AMI) ($r = .695$, $p < .01$), apresentando uma correlação também moderada. Por fim, o fator SH (AMI) e o fator SB (AMI) contém uma correlação fraca e positiva ($r = .392$, $p < .01$).

Tabela 13. Coeficiente de Correlação de Pearson (r) entre os fatores do Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) e do Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens (AMI)

Fatores	1	2	3	4
1. Sexismo Hostil (ISA)	-			
2. Sexismo Benevolente (ISA)	.638**	-		
3. Sexismo Hostil (AMI)	.201*	.500**	-	
4. Sexismo Benevolente (AMI)	.697**	.695**	.392**	-

* $p < .05$ ** $p < .01$

Após a análise destes resultados é possível responder à última hipótese de investigação que questionava a relação entre o sexismo em relação às mulheres e o sexismo em relação aos homens, sendo possível concluir que quer em relação às mulheres, quer em relação aos homens, o Sexismo Hostil e Benevolente se encontram correlacionados. Desse modo, e no que concerne o sexismo, pode-se dizer que o mesmo se manifesta não apenas face aos homens, mas também face às mulheres, independentemente da forma em que se apresente (i. e. seja de forma mais hostil ou de forma mais benevolente).

Desse modo, podemos concluir que se confirma a Hipótese 6.

5. Discussão

Considerando os resultados obtidos neste estudo, conclui-se que existem diferenças entre géneros relativamente aos níveis e tipos de sexismo. Tanto o género feminino como o género masculino apresentaram valores superiores de sexismo hostil para com o género oposto, i.e. os adolescentes manifestaram mais crenças hostis em relação ao género feminino do que as adolescentes, e as adolescentes manifestaram mais crenças hostis em relação ao género masculino do que os adolescentes. No entanto, relativamente ao sexismo benevolente, o género masculino apresentou valores superiores ao género feminino, tanto no sexismo em relação às mulheres, como em relação aos homens.

Estes resultados são congruentes com a literatura, nomeadamente com a investigação de Costa e colegas (2012), na qual se identificou que, tanto os homens, como as mulheres, manifestaram crenças sexistas ambivalentes. Contudo, os homens manifestaram mais hostilidade e benevolência em relação às mulheres, bem como mais benevolência em relação aos homens. Em contrapartida, as mulheres manifestaram mais hostilidade em relação aos homens.

Os homens têm sido o grupo dominante e detentor do poder estrutural na sociedade, o que, naturalmente, resultaria em diferentes tipos de reações no grupo considerado “submisso”, que são as mulheres. Assim, no que diz respeito à ambivalência em relação aos homens, o facto de as mulheres manifestarem mais hostilidade para com os homens pode ser um indicador de que desenvolveram sentimentos de hostilidade ao ressentirem-se da dominação masculina na ordem sexista tradicional, dos homens terem mais controlo e poder estrutural sobre instituições sociais, políticas e económicas do que elas, e do elevado estatuto dos homens na sociedade (i.e. paternalismo) (Ayan, 2016). Por outro lado, ao manifestarem mais benevolência para com o seu género, os homens apoiam a crença de que devem ser complementados pelas mulheres, justificando a dominação masculina existente e a manutenção dos papéis tradicionais de género (i.e. maternalismo) (Ayan, 2016).

Já a relação entre o sexismo para com as mulheres e a ambivalência em relação aos homens, demonstrou ser interdependente. Exemplos de afirmações presentes nos instrumentos utilizados traduzem tipos de crenças sexistas que afetam igualmente homens e mulheres, quer seja ao destacar a suposta superior capacidade de um género em

detrimento de outro, quer seja a designar determinados papéis de género ao género a qual esses papéis são comumente atribuídos (e.g. “01. não importa o quão realizado seja, um homem não é verdadeiramente completo enquanto pessoa se não tiver o amor de uma mulher” (ISA); “08. muitas mulheres têm uma qualidade de pureza que poucos homens possuem” (ISA); “04. quando os homens agem de forma a “ajudar” as mulheres estão, frequentemente, a tentar provar que são melhores do que elas” (AMI); “01. mesmo quando ambos os membros de um casal trabalham, a mulher deve ser mais atenta a cuidar do seu homem em casa” (AMI)).

Estudos como o de Dosil e colegas (2020) confirmam que as ideologias tradicionais de género informam, incentivam e restringem rapazes e raparigas, homens e mulheres, a se conformarem e cumprirem com as normas predominantes de determinado papel, adotando certas atitudes socialmente mais aceites e evitando outras socialmente menos aceites. Especificamente em relação aos rapazes, muitos deles podem sentir-se pressionados por ideais masculinos, ideais esses que normalmente restringem as expressões emocionais e impulsionam as expectativas de dominação e agressão, incentivando-os a envolverem-se em atos violentos como intimidação e agressão verbal e/ou física.

Quanto à idade, os/as adolescentes mais velhos/as mostraram, em geral, menos crenças sexistas comparativamente com os/as adolescentes mais novos/as. Este resultado é corroborado pela investigação de De Lemus e colegas (2010), que indica que os/as adolescentes mais novo/as tendem a ser mais sexistas do que os/as mais velhos/as. Similarmente, Garaigordobil e Maganto (2013) concluíram que, à medida que a idade dos/as adolescentes e jovens aumentava, os valores de sexismo, tanto hostil como benevolente, diminuíram. Estes resultados podem ser explicados com o gradual reconhecimento da injustiça existente socialmente, para além de situações em que os/as jovens sofram a nível individual, que vai aumentando com o avançar da idade. Simultaneamente, o nível de educação e conhecimento também se continuará a desenvolver com o avançar da idade, o que servirá como facilitador para esse mesmo adquirir de consciência (Lameiras & Rodríguez, 2002; Simões, 2021).

Para além disso, a adolescência é a fase de desenvolvimento em que rapazes e raparigas definem a sua identidade e estilos de comportamento, e as relações afetivas assumem um papel significativo no desenvolvimento das habilidades sociais na intimidade com outras pessoas, por meio de diversos sentimentos ou condutas afetivas, como o amor, a

confiança, a intimidade, o compromisso, e a procura de confiança e de segurança (Hernández, 2012; Nina, 2011). Assim, torna-se necessário considerar essas experiências como um contexto de conhecimento, sendo parte do processo de formação da identidade pessoal e social dos/das adolescentes (Hernández, 2012), para além de também ser o momento onde o questionamento e o posicionamento crítico contra atitudes sexistas é necessário para promover relacionamentos igualitários e independentes que permitam que rapazes e raparigas se desenvolvam emocionalmente. Desse modo, existem implicações importantes para a adolescência, uma vez que manter atitudes sexistas nesta fase do desenvolvimento, durante a qual é natural o início das relações afetivas, pode afetar as relações que os/as adolescentes podem vir a ter no futuro (García-Vega et al., 2017; Sierra et al., 2018).

Os/as adolescentes com maior nível de religiosidade mostraram valores de sexismo mais elevados relativamente aos/às adolescentes com níveis de religiosidade inferiores. Este resultado está em concordância com os estudos, que mostram que a religiosidade surge muitas vezes associada a desigualdades de género, ao sexismo e a atitudes negativas em relação à igualdade de género (Klingorová & Havlíček, 2015; Seguino, 2011). Da mesma forma, o estudo realizado por Adamczyk (2013) também concluiu que os participantes que se identificavam como sendo mais religiosos, foram os que mais endossavam a desigualdade de género. Tal acontece, porque o sexismo e outras formas de preconceito podem paradoxalmente ser agravados através da religião (Hannover et al., 2018), uma vez que os papéis marcadamente diferentes “mandatados divinamente” para homens e mulheres acabam por propagar crenças sexistas (Glick et al., 2016).

O posicionamento político também mostrou relacionar-se com o sexismo e com crenças de papéis de género mais tradicionais. Os/as adolescentes que se posicionaram mais à direita no espectro político apresentaram níveis superiores de sexismo em relação às mulheres, comparativamente com os/as adolescentes que se posicionaram cada vez mais perto da esquerda. No entanto, relativamente ao sexismo em relação aos homens, ainda que os valores mais altos de sexismo também se tenham manifestado entre os/as adolescentes com uma ideologia mais à direita, foram os/as adolescentes com uma ideologia considerada mais ao “centro” que manifestaram os níveis mais baixos de sexismo entre os/as participantes. Os estudos de Christopher e Mull (2006), Lee (2013) e Sibley e colaboradores (2007) concluíram que o autoritarismo de direita é um forte

preditor de sexismo, especificamente o sexismo benevolente, o que é congruente com os resultados obtidos.

Um aspeto importante a realçar nos resultados obtidos tem a ver com o facto das subamostras não serem equivalentes. Com efeito, e ao contrário do que seria expectável, verificaram-se diferenças significativas entre os/as participantes dos três concelhos de residência no que se refere ao seu nível de religiosidade e posição política, com os/as participantes do concelho pertencente ao distrito de Évora a evidenciarem uma posição política mais à esquerda do que os/as participantes dos concelhos do distrito de Santarém; da mesma forma, também os/as participantes dos dois concelhos do distrito de Santarém se posicionaram politicamente mais à direita do que os/as participantes do concelho do distrito de Évora. Estes resultados poderão ser explicados considerando que, relativamente à situação alentejana, um dado político fundamental é a preeminência de partidos de esquerda, com bastante impacto no poder local e habitualmente vencedor nas eleições legislativas e presidenciais pela região (Guimarães, 2022); tal como é a baixa religiosidade na zona alentejana, uma vez que é uma região do país tradicionalmente associada a índices de religiosidade inferiores, comparativamente, por exemplo, à zona norte (Cabral, 2002; Lobo, 2012). Estes dois aspetos (religiosidade e posição política terão impacto nos resultados encontrados nas hipóteses testadas.

Especificamente em relação ao sexismo, ambos os concelhos pertencentes ao distrito de Santarém apresentaram níveis de sexismo superiores ao concelho pertencente ao distrito de Évora, tanto em relação aos homens como em relação às mulheres. Desse modo, é relevante mencionar o facto de ambos os concelhos do distrito de Santarém serem cidades (sendo um deles capital do distrito) e o concelho do distrito de Évora ser uma vila. Estes resultados não estão de acordo com outros estudos, nomeadamente estudos como o de Castro e Alonso-Ruido (2017) e de Khan (2017), que reportaram que os/as alunos/as residentes em áreas rurais apresentaram níveis de sexismo superiores, comparativamente aos/às que residiam em meios urbanos como cidades. Estes autores justificam-no com o facto de o sexismo estar relacionado com a estrutura patriarcal comumente mais predominante em meios rurais como vilas e aldeias, para além do isolamento geográfico associado, quando aplicável, que pode ser um fator causador e/ou potenciador deste tipo de crenças. No entanto, quando cruzamos estes dados com a posição política e a religiosidade dos/as alunos/as, os resultados são mitigados.

Limitações e Estudos Futuros

É possível concluir que a maior parte dos resultados desta investigação está em concordância com a literatura existente. No entanto, apesar da relevância do estudo e os dados obtidos, a apreciação e interpretação dos resultados devem ser feitas tendo em conta as suas limitações, sendo uma delas a representatividade da amostra.

Destaca-se, primeiramente, que a amostra da investigação foi por conveniência, o que resulta na impossibilidade de generalizar os resultados obtidos para outras populações (Simões, 2021). Entende-se ainda que os constrangimentos inerentes à recolha de dados online e ao formato de autorresposta dos instrumentos utilizados pode levar a respostas distorcidas, como o efeito da deseabilidade social nas respostas dos/as participantes.

Considera-se também limitativo o facto de os dados terem sido recolhidos numa amostra de alunos residentes em concelhos de apenas dois distritos, nomeadamente em zonas do Alentejo e Médio-Tejo, o que se traduz numa amplitude geográfica reduzida, para além da amostra recolhida nos três concelhos não ser equivalente relativamente às variáveis sociodemográficas “religiosidade” e “posição política”. Assim, é também necessário controlar os níveis de religiosidade e posição política para determinar os seus eventuais efeitos e relação nos níveis de sexismo.

A escassez de literatura encontrada também constituiu uma limitação para a investigação. A sua escassez é indicativa da existência insuficiente de investigações centradas na área do sexismo, especificamente com adolescentes enquanto população alvo, e nomeadamente em Portugal. Esta limitação condicionou uma melhor discussão dos resultados obtidos, no entanto, foi colmatada com a utilização de outras investigações centradas no mesmo tema, mas com outras faixas etárias e de contextos geográficos e socioculturais diferentes (Simões, 2021).

A escolha do tema para a presente investigação resultou da crescente necessidade de combater este flagelo social que é o sexismo, que traz inúmeras consequências prejudiciais para o desenvolvimento saudável de cada indivíduo, bem como para o bem-estar de cada comunidade. Tal como supramencionado, a insuficiência e escassez de investigação acerca do sexismo em Portugal contribuiu para a pertinência da escolha deste tema.

Assim, relativamente a investigações futuras, sugerem-se estudos nacionais, nomeadamente com adolescentes, no entanto, não deixa de ser pertinente investigar igualmente outras faixas etárias. Por fim, considerando a prevalência, frequência e facilidade com que o sexismo benevolente se manifesta e propaga na sociedade, devido à sua natureza subtil e camaleónica, destaca-se o mesmo como especialmente alarmante (Simões, 2021).

Implicações para a Prática

Sendo a escola o local onde as crianças e os/as adolescentes passam a maior parte do seu tempo, para além de também ser o local no qual existe uma maior afluência de interações sociais, nomeadamente entre pares, é fulcral e pertinente destacar esse local de ensino como principal agente e aliado no combate às desigualdades sociais, ao sexismo e à violência de género (Simões, 2021). Por outro lado, considerando que a diminuição dos níveis de sexismo surge associada a jovens com mais habilitações literárias, a escola torna-se, efetivamente, num local prioritário para a intervenção.

De modo a controlar e eventualmente erradicar este flagelo, deverá existir um investimento na educação e compreensão de questões e conceitos fundamentais, como a distinção entre género e sexo biológico, a relação entre papéis e estereótipos de género, e naturalmente, o sexismo e as formas em que se manifesta. O sexismo deverá ser primeiramente compreendido para que possa ser reconhecido e identificado como tal. Destaca-se, assim, o sexismo benevolente, que, apesar de passar frequentemente por despercebido, revelou ser o tipo de sexismo com maior manifestação. No entanto, o sexismo hostil não deverá ser negligenciado, uma vez que, tal como as investigações e os resultados do presente estudo concluíram, continua a persistir fortemente (Simões, 2021).

Especificamente no que concerne as diferenças de género identificadas, destaca-se a importância de desenvolver e aplicar também programas educacionais personalizados às necessidades e desafios enfrentados por cada género (Simões, 2021).

Referências Bibliográficas

- Adamczyk, A. (2013). The effect of personal religiosity on attitudes toward abortion, divorce, and gender equality — Does cultural context make a difference? *EurAmerica*, 42, 213–253. [https://www.researchgate.net/publication/285677192_The_effect_of_personal_religiosity_on_attitudes_toward_abortion_divorce_and_gender_equality_does_cultural_context_make_a_difference]
- Allport, G. W. (1962). The general and the unique in psychological science. *Journal of personality*, 30, p. 405-421. https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1962.tb02313.x
- Allport, G.W. (1954). *The nature of prejudice*. Harvard University Press.
- American Psychological Association, APA Task Force on Psychological Practice with Sexual Minority Persons. (2021a). Guidelines for Psychological Practice with Sexual Minority Persons. [www.apa.org/about/policy/psychological-practice-sexual-minority-persons.pdf]
- Andrews, N., Santos, C., Cook, R., & Martin, C. (2018). Gender discrimination hinders other-gender friendship formation in diverse youth. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 59, 16-25. https://doi.org/10.1016/j.appdev.2018.02.006
- Ashburn-Nardo, L., & Karim, M. F. A. (2019). The CPR model: Decisions involved in confronting prejudiced responses. In *Confronting prejudice and discrimination* (pp. 29-47). Academic Press. https://doi.org/10.1016/B978-0-12-814715-3.00002-3
- Aubrey, J. S., & Harrison, K. (2004). The gender-role content of children's favorite television programs and its links to their gender-related perceptions. *Media psychology*, 6(2), 111-146. https://doi.org/10.1207/s1532785xmep0602_1
- Austin, D. E., & Jackson, M. (2019). Benevolent and hostile sexism differentially predicted by facets of right-wing authoritarianism and social dominance orientation. *Personality and individual differences*, 139, 34-38. https://doi.org/10.1016/j.paid.2018.11.002

- Ayala, A., Vives-Cases, C., Davó-Blanes, C., Rodríguez-Blázquez, C., Forjaz, M. J., Bowes, N., DeClaire, K., Jaskulska, S., Pyżalski, J., Neves, S., Queirós, S., Gotca, J., Mocanu, V., Corradi, C., & Sanz-Barbero, B. (2021). Sexism and its associated factors among adolescents in Europe: Lights4Violence baseline results. *Aggressive behavior, 47*(3), 354-363. <https://doi.org/10.1002/ab.21957>
- Ayan, S. (2016). Sexism: Ambivalence toward men. *Journal of Human Sciences, 13*(1), 1452–1459. [<https://www.j-humansciences.com/ojs/index.php/IJHS/article/view/3636>]
- Bakan, D. (1966). *The duality of human existence: An essay on psychology and religion*. Rand McNally.
- Bareket, O., & Fiske, S. T. (2023). A systematic review of the ambivalent sexism literature: Hostile sexism protects men’s power; benevolent sexism guards traditional gender roles. *Psychological Bulletin, 149*(11-12), 637–698. <https://doi.org/10.1037/bul0000400>
- Becker, J. C. (2010). Why do women endorse hostile and benevolent sexism? The role of salient female subtypes and internalization of sexist contents. *Sex Roles, 62*(7), 453-467. <https://doi.org/10.1007/s11199-009-9707-4>
- Becker, J. C., & Swim, J. K. (2012). Reducing endorsement of benevolent and modern sexist beliefs: Differential effects of addressing harm versus pervasiveness of benevolent sexism. *Social Psychology, 43*, 127–137. <https://doi.org/10.1027/1864-9335/a000091>.
- Becker, J. C., & Wright, S. C. (2011). Yet another dark side of chivalry: Benevolent sexism undermines and hostile sexism motivates collective action for social change. *Journal of Personality and Social Psychology, 101*(1), 62–77. <https://doi.org/10.1037/a0022615>
- Brandt, M. J. (2011). Sexism and Gender Inequality Across 57 Societies. *Psychological Science, 22*(11), 1413-1418. <https://doi.org/10.1177/0956797611420445>
- Brewster, K. L., & Padavic, I. (2000). Change in gender-ideology, 1977–1996: The contributions of intracohort change and population turnover. *Journal of Marriage and Family, 62*(2), 477-487. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2000.00477.x>

- Cañete, E., & Novas, F. (2012). Resolución de conflictos de pareja en adolescentes, sexismo y dependencia emocional. *Quaderns de Psicologia*, 14(1), 45-60. [https://raco.cat/index.php/QuadernsPsicologia/article/view/254304]
- Case, K. A., Hensley, R., & Anderson, A. (2014). Reflecting on heterosexual and male privilege: Interventions to raise awareness. *Journal of Social Issues*, 70, 722–740. https://doi.org/10.1111/josi.12088
- Castro, Y., & Alonso-Ruido, P. (2017). Evaluación de las actitudes hacia la diversidad sexual de adolescentes del ámbito semi-rural gallego. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, 2, 005-009. https://doi.org/10.17979/reipe.2017.0.02.2276
- Castro, Y., Lameiras, M., Fernández, M., & Medina, P. (2013). La fiabilidad y validez de la escala de mitos hacia el amor: las creencias de los y las adolescentes. *Revista de Psicología Social*, 28, 157-168. https://doi.org/10.1174/021347413806196708
- Centro de Estudos Sociais [CES] – Universidade de Coimbra. (2023, 28 de dezembro). Sexismo. [https://www.ces.uc.pt/observatorios/crisalt/index.php?id=6522&id_lingua=1&pa g=7845]
- Christopher, A. N., & Mull, M. S. (2006). Conservative ideology and ambivalent sexism. *Psychology of Women Quarterly*, 30, 223-230. https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.2006.00284.x
- Christopher, A. N., & Wojda, M. R. (2008). Social dominance orientation, right-wing authoritarianism, sexism, and prejudice toward women in the workforce. *Psychology of Women Quarterly*, 32(1), 65-73. https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.2007.00407.x
- Cihangir, S., Barreto, M., & Ellemers, N. (2014). Men as Allies Against Sexism: The Positive Effects of a Suggestion of Sexism by Male (vs. Female) Sources. *SAGE Open*, 4(2). https://doi.org/10.1177/2158244014539168
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (pp. 283 – 287). (2nd ed.). Erlbaum Associates.
- Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. (2022). [https://www.cig.gov.pt/]

- Conselho da Europa (2019). Prevenir e Combater o Sexismo, Council of Europe, 1-25. [https://rm.coe.int/16809e1b65]
- Costa, P. A., Oliveira, R., Pereira, H., & Leal, I. (2015). Adaptação dos Inventários de Sexismo Moderno para Portugal: O Inventário de Sexismo Ambivalente e o Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 28 (1), 126-135. https://doi.org/10.1590/1678-7153.201528114
- Costa, P. A., Pereira, H., & Leal, I. (2012). Convencionalismo e sexismo numa população universitária. In J. L. P. Ribeiro, I. Leal, A. Pereira & S. Monteiro (orgs.), *Psicologia da Saúde: desafios à promoção da saúde em doenças crónicas* (pp. 102-106). Placebo Editora.
- Czopp, A. M. (2019). The consequences of confronting prejudice. *Confronting prejudice and discrimination* (pp. 201-221). Academic Press. https://doi.org/10.1016/B978-0-12-814715-3.00005-9
- De Lemus, S., Castillo, M., Moya, M., García, J., & Ryan, E. (2008). Elaboración y validación del Inventario de Sexismo Ambivalente para Adolescentes. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 8(2), 537-562. [http://hdl.handle.net/10481/32913]
- De Lemus, S., Moya, M., & Glick, P. (2010). When contact correlates with prejudice: Adolescents' romantic relationship experience predicts greater benevolent sexism in boys and hostile sexism in girls. *Sex Roles*, 63, 214-225. https://doi.org/10.1007/s11199-010-9786-2
- de Vries, E. E., van der Pol, L. D., Groeneveld, M. G., & Mesman, J. (2023). Fathers' and mothers' sensitivity during free play with gendered toys. *Journal of Family Psychology*, 37(7), 1106–1114. https://doi.org/10.1037/fam0001083
- Dicke, A. L., Safavian, N., & Eccles, J. S. (2019). Traditional gender role beliefs and career attainment in STEM: A gendered story?. *Frontiers in psychology*, 1053. https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.01053
- Donnelly, K., & Twenge, M. (2017). Masculine and feminine traits on the Bem Sex-Role Inventory, 1993–2012: A cross-temporal meta-analysis. *Sex Roles*, 76(9-10), 556-565. https://doi.org/10.1007/s11199-016-0625

- Dosil, M., Jaureguizar, J., Bernaras, E., & Sbicigo, J. B. (2020). Teen dating violence, sexism, and resilience: A multivariate analysis. *International journal of environmental research and public health*, *17*(8), 2652. <https://doi.org/10.3390/ijerph17082652>
- Drury, B. J., & Kaiser, C. R. (2014). Allies against sexism: The role of men in confronting sexism. *Journal of Social Issues*, *70*(4), 637–652. <https://doi.org/10.1111/josi.12083>
- Duckitt, J., & Sibley, C. G. (2010). Right–wing authoritarianism and social dominance orientation differentially moderate intergroup effects on prejudice. *European Journal of Personality*, *24*(7), 583–601. <https://doi.org/10.1002/per.772>
- Dueñas, J. M., Santiago-Larrieu, B., Ferre-Rey, G., & Cosi, S. (2020). The relationship between family socialization styles and ambivalent sexism in adolescence. *Interpersona: An International Journal on Personal Relationships*, *14*(1), 28–39. <https://doi.org/10.5964/ijpr.v14i1.3923>
- Dunham, Y., Baron, A. S., & Banaji, M. Z. (2015). The development of implicit gender attitudes. *Developmental Science*, *19*(5), 1–9. <https://doi.org/10.1111/desc.12321>
- Eliezer, D., & Major, B. (2012). It's not your fault: The social costs of claiming discrimination on behalf of someone else. *Group Processes and Intergroup Relations*, *15*, 487–502. <https://doi.org/10.1177/1368430211432894>.
- Endendijk, J. J., Groeneveld, M. G., van der Pol, L. D., van Berkel, S. R., Hallers-Haalboom, E. T., Bakermans-Kranenburg, M. J., & Mesman, J. (2017). Gender differences in child aggression: Relations with gender-differentiated parenting and parents' gender-role stereotypes. *Child development*, *88*(1), 299–316. <https://doi.org/10.1111/cdev.12589>
- Etengoff, C., & Lefevor, T. G. (2021). Sexual Prejudice, Sexism and Religion. *Current Opinion in Psychology*, *40*, 45–50. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2020.08.024>
- European Institute for Gender Equality. (2024). Papéis atribuídos em função do género. [https://eige.europa.eu/taxonomy/term/1114?language_content_entity=pt]

- Falcón, L., Díaz-Aguado, M. J., & Núñez, P. (2016). Advertising and Sexism with focus groups of preadolescents. *Infancia y Aprendizaje*, 39(2), 244-274. <https://doi.org/10.1080/02103702.2015.1133089>
- Fasanelli, R., Galli, I., Grassia, M. G., Marino, M., Cataldo, R., Lauro, C. N., Castiello, C., et al. (2020). The Use of Partial Least Squares–Path Modelling to Understand the Impact of Ambivalent Sexism on Violence-Justification among Adolescents. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(14), 4991. MDPI AG. <https://doi.org/10.3390/ijerph17144991>
- Fernandes, M., Moreira, I., Silva, A., Sá, M., Veríssimo, C., & Leitão, M. (2020). Escala de Detecção de Sexismo em Adolescentes: Tradução e validação para o contexto português. *Revista de Enfermagem Referência*, 5(1), 1-8. <https://doi.org/10.12707/RIV19075>
- Ferreira, M. C. (2004). Sexismo hostil e benevolente: Inter-relações e diferenças de género. *Temas em Psicologia*, 12, 119-126. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2004000200004&lng=pt&tlng=pt]
- Fiske, S. T., & Stevens, L. E. (1993). What's so special about sex?: gender stereotyping and discrimination. In S. Oskamp, & M. Costanzo. *Gender Issues in Contemporary Society* (pp. 173 – 196). Sage Publications.
- Fiske, S. T., & Taylor, S. E. (2013). *Social Cognition: From Brains to Culture*. Sage. <https://doi.org/10.4135/9781446286395>
- Fritz, C. O., Morris, P. E., & Richler, J. J. (2012). Effect size estimates: Current use, calculations, and interpretation. *Journal of Experimental Psychology: General*, 141(1), 2–18. <https://doi.org/10.1037/a0024338>
- Garaigordobil, M., & Maganto, C. (2013). Sexism and eating disorders: Gender differences, changes with age, and relations between both constructs. *Revista de Psicopatología y Psicología Clínica*, 18, 183-192. <https://doi.org/10.5944/rppc.vol.18.num.3.2013.12919>
- García-Vega, E., Rico, R., & Fernández, P. (2017). Sex, gender roles and sexual attitudes in university students. *Psicothema*, 29, 178-183. <https://doi.org/10.7334/psicothema2015.338>

- Gato, J. (2022). Discriminação contra pessoas LGBTI+: Uma revisão de literatura nacional e internacional. In S. P. Saleiro (Org.), N. Ramalho, M. S. Menezes, & J. Gato, (2022). *Estudo nacional sobre as necessidades das pessoas LGBTI e sobre a discriminação em razão da orientação sexual, identidade e expressão de gênero e características sexuais* (pp. 9 – 45). CIG – Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Gluscock, J. (2001). Gender roles on prime-time network television: Demographics and behaviors. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 45, 656–669. https://doi.org/10.1207/s15506878jobem4504_7
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). The ambivalent sexism inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of personality and social psychology*, 70(3), 491-512. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.70.3.491>
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1997). Hostile and benevolent sexism: Measuring ambivalent sexist attitudes toward women. *Psychology of women quarterly*, 21(1), 119-135. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1997.tb00104.x>
- Glick, P., & Fiske, S. T. (2001). An ambivalent alliance: Hostile and benevolent sexism as complementary justifications for gender inequality. *American Psychologist*, 56(2), 109–118. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.56.2.109>
- Glick, P., & Fiske, S. T. (2018). The ambivalent sexism inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. In S. T. Fiske (ed.), *Social Cognition* (pp. 116-160). Routledge.
- Glick, P., & Hilt, L. (2000). Combative children to ambivalent adults: The development of gender prejudice. *Developmental social psychology of gender*, 243-272. Psychology Press.
- Glick, P., Fiske, S. T., Mladinic, A., Saiz, J. L., Abrams, D., Masser, B., Adetoun, B., Osagie, J. E., Akande, A., Alao, A., Brunner, A., Willemsen, T. M., Chipeta, K., Dardenne, B., Dijksterhuis, A., Wigboldus, D., Eckes, T., Six-Materna, I., Expo´sito, F., ... Lopez Lopez, W. (2000). Beyond prejudice as simple antipathy: Hostile and benevolent sexism across cultures. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79(5), 763–775. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.79.5.763>

- Glick, P., Lameiras, M., & Castro, Y. R. (2002). Education and Catholic religiosity as predictors of hostile and benevolent sexism toward women and men. *Sex Roles*, 47, 433-441. <https://doi.org/10.1023/A:1021696209949>
- Glick, P., Sakallı-Ugurlu, N., Akba,s, G., Metin Orta, I., and Ceylan, S. (2016). Why do women endorse honor beliefs? Ambivalent sexism and religiosity as predictors. *Sex Roles*, 75, 543–554. <https://doi.org/10.1007/s11199-015-0550-5>
- González-Rivera, I., & Díaz-Loving, R. (2018). Efecto de la creencia en el mundo justo sobre el sexismo ambivalente. *Psicología Iberoamericana*, 27(2), <https://doi.org/10.48102/pi.v27i2.49>
- Guerra, V. M., Gouveia, V. V., Pessoa, V. S., Riviera, G. A., & Filho, M. L. S. (2004). Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens: adaptação brasileira e relação com o gênero. *Psicologia: Teoria e Prática*, 6 (2), 47-61. [<https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/1164>]
- Guimarães, C. R. (2021). *Invisível, Eu-Fotografia, Corpo e Gênero*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- Guimarães, M. R. (2022). *Neoliberalismo, amizade e recordações eleições numa sociedade complexa do Alentejo português*. Tese de Doutorado. Instituto de Ciências Sociais. Universidade de Lisboa.
- Hannover, B., Gubernath, J., Schultze, M., and Zander L. (2018). Religiosity, Religious Fundamentalism, and Ambivalent Sexism Toward Girls and Women Among Adolescents and Young Adults Living in Germany. *Frontiers in psychology*. 9:2399. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.02399>
- Heilman, M. E. (2012). Gender stereotypes and workplace bias. *Res. Organ. Research in organizational Behavior*. 32, 113–135. <https://10.1016/j.riob.2012.11.003>
- Helgeson, V. S. (2020). *Psychology of gender*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781003016014>
- Hentschel, T., Braun, S., Peus, C., and Frey, D. (2018). The communalitybonus effect for male transformational leaders – leadership style, gender, and promotability. *European Journal of Work and Organizational Psychology*. 27, 112–125. <https://10.1080/1359432X.2017.1402759>

- Hodson, G., MacInnis, C. C., & Busseri, M. A. (2017). Bowing and kicking: Rediscovering the fundamental link between generalized authoritarianism and generalized prejudice. *Personality and Individual Differences, 104*, 243-251. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.08.018>
- Hunsberger, B., & Jackson, L. M. (2005). Religion, meaning, and prejudice. *Journal of social issues, 61*(4), 807-826. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.2005.00433.x>
- Jost, J. T. (2017). Ideological asymmetries and the essence of political psychology. *Political psychology, 38*(2), 167-208. <https://doi.org/10.1111/pops.12407>
- Kaiser, C. R., & Miller, C. T. (2004). A stress and coping perspective on confronting sexism. *Psychology of Women Quarterly, 28*, 168–178. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.2004.00133.x>.
- Khan, A. (2017). Factors associated with domestic violence against rural Bangladeshi women. *Multidisciplinary Journal of Gender Studies, 6*(1). <https://doi.org/10.17583/generos.2017.2085>
- Klingorová, K., & Havlíček, T. (2015). Religion and gender inequality: The status of women in the societies of world religions. *Moravian Geographical Reports, 23*(2), 2-11. <https://doi.org/10.1515/mgr-2015-0006>
- Koenig, A. (2018). Comparing prescriptive and descriptive gender stereotypes about children, adults, and the elderly. *Frontiers in Psychology, 9*(1086), 1-39. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.01086>
- Kutlaca, M., Becker, J., & Radke, H. (2019). A hero for the outgroup, a black sheep for the ingroup: Societal perceptions of those who confront discrimination. *Journal of Experimental Social Psychology. Advance online publication.* <https://doi.org/10.1016/j.jesp.2019.103832>, 88
- Lameiras Fernández, M., & Rodríguez Castro, Y. (2012). Assessment of ambivalent sexism in Galician students. *Acción Psicológica, 2*(2), 131–136. <https://doi.org/10.5944/ap.2.2.526>

- Lameiras, M., & Rodríguez, Y. (2002). Assessment of modern sexism in young people. *International Journal of Social Psychology*, 17(2), 119-127. <https://doi.org/10.1174/021347402320007555>
- Landrine, H., & Klonoff, E. A. (1997). *Discrimination against women: Prevalence, consequences, remedies*. Sage Publications.
- Larsen, K. S., and Long, E. (1988). Attitudes toward sex-roles: traditional or egalitarian? *Sex Roles*. 19, 1–12. <https://doi.org/10.1007/BF00292459>
- Leaper, C., & Brown, C. S. (2008). Perceived experiences with sexism among adolescent girls. *Child development*, 79(3), 685-704. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2008.01151.x>
- Leaper, C., & Brown, C. S. (2018). Sexism in childhood and adolescence: Recent trends and advances in research. *Child Development Perspectives*, 12(1), 10-15. <https://doi.org/10.1111/cdep.12247>
- Leaper, C., Breed, L., Hoffman, L., & Perlman, C. A. (2002). Variations in the gender-stereotyped content of children's television cartoons across genres. *Journal of Applied Social Psychology*, 32(8), 1653-1662. <https://doi.org/10.1111/j.1559-1816.2002.tb02767.x>
- Lee, I. C. (2013). Endorsement of sexist ideology in Taiwan and the United States: Social dominance orientation, right-wing authoritarianism, and deferential family norms. *International Journal of Psychology*, 48, 254–262. <https://doi.org/10.1080/00207594.2011.645485>
- León, B. (2017). *Ideología sexista como detonante de la violencia en las relaciones de pareja: Un estudio de caso correlacional entre estudiantes de Lleida (Cataluña) y Tabasco (México) de alumnos universitarios*. Tese de Doutoramento. Universitat de Lleida. [<https://www.tesisenred.net/bitstream/handle/10803/404913/Tblr1de1.pdf?sequence=2&isAllowed=y>]
- Lobo, A. L. G. S. (2012). *Religiosidade e sintomatologia depressiva: influência do nível de escolaridade nesta relação e da ruralidade na vivência religiosa*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

- Lorenzi-Cioldi, F., Kulich, C. (2015). Sexism. In J. D. Wright (Ed.). *International encyclopedia of the social & behavioral sciences* (pp. 693-699). Elsevier. <https://doi.org/10.1016/B978-0-08-097086-8.24089-0>
- Marôco, J. (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS* (3ª Ed.). Edições Sílabo.
- Masser, B. M., & Abrams, D. (2004). Reinforcing the glass ceiling: The consequences of hostile sexism for female managerial candidates. *Sex Roles, 51*(9), 609-615. <https://doi.org/10.1007/s11199-004-5470-8>
- McDade-Montez, E., Wallander, J., & Cameron, L. (2017). Sexualization in US Latina and White girls' preferred children's television programs. *Sex Roles, 77*, 1-15. <https://doi.org/10.1007/s11199-016-0692-0>
- Mihić, V., Šimoković, K., Kapetan, A., & Bojović, G. (2017). Correlations of attitudes towards gender roles and ambivalent gender prejudices in Serbian students. *Teme, 807-822*. <https://doi.org/10.22190/TEME1703807M>
- Mikołajczak, M., Pietrzak, J. (2014). Ambivalent Sexism and Religion: Connected Through Values. *Sex Roles, 70*, 387–399. <https://doi.org/10.1007/s11199-014-0379-3>
- Montañes, P., De Lemus, S., Moya, M., Bohner, G., & Megías, J. (2013). How attractive are sexist intimates to adolescents? The influence of sexist beliefs and relationship experience. *Psychology of Women Quarterly, 37*(4), 494-506. doi:10.1177/0361684313475998
- Moya, M., & Expósito, F. (2001). Nuevas formas, viejos intereses: Neosexismo en varones españoles. *Psicothema, 13*(4), 643-649. [<https://reunido.uniovi.es/index.php/PST/article/view/7881>]
- Nogueira, C. (2001b). Feminismo e discurso de género na psicologia social. *Psicologia & Sociedade: Revista da Associação Brasileira de Psicologia Social, 24*(1), 107-128.
- Ordem dos Psicólogos Portugueses. (2020). Linhas de orientação para a prática profissional no âmbito da intervenção psicológica com pessoas LGBTQ. [www.ordemdospsicologos.pt/ficheiros/documentos/linhasorientacao_LGBTI+q.pdf]

- Organização das Nações Unidas. (2024, 15 de janeiro). Objetivos de desenvolvimento sustentável – 17 objetivos para transformar o nosso mundo. Organização das Nações Unidas. [<https://unric.org/pt/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel/>]
- Pallant, J. (2005). *SPSS Survival Manual* (3ª Ed.). Allen & Unwin.
- Ramos, M., Barreto, M., Ellemers, N., Moya, M. & Ferreira, L. (2018). What hostile and benevolent sexism communicate about men's and women's warmth and competence. *Group Processes & Intergroup Relations*, 21(1), 159-177. <https://doi.org/10.1177/1368430216656921>
- Recio, P., Cuadrado, I., & Ramos, E. (2007). Propiedades psicométricas de la Escala de Detección de Sexismo en Adolescentes (DSA). *Psicothema*, 19, 522-528. PMID: 17617994.
- Remédios, C. (2010) *O Bem-estar Psicológico e a Promoção das Competências Pessoais e Sociais na Adolescência*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Rojas Pedregosa, P., & Moreno Díaz, R. (2016). Sexismo hostil y benevolente en adolescentes. Una aproximación étnico-cultural. *Revista Iberoamericana de Educación*, 72(1), 31–46. <https://doi.org/10.35362/rie72126>
- Rosenthal, L., Levy, S. R., & Militano, M. (2014). Polyculturalism and Sexist Attitudes: Believing Cultures are Dynamic Relates to Lower Sexism. *Psychology of Women Quarterly*, 38(4), 519–534. <https://doi.org/10.1177/0361684313510152>
- Rousseau, A., Eggermont, S., Bels, A., & Van den Bulck, H. (2018). Separating the sex from the object: Conceptualizing sexualization and (sexual) objectification in Flemish preteens' popular television programs. *Journal of Children and Media*, 12(3), 346-365. <https://doi.org/10.1080/17482798.2018.1425888>
- Rudman, L. A., & Glick, P. (2008). *The social psychology of gender: How power and intimacy shape gender relations*. The Guilford Press.
- Scharrer, E., Kim, D. D., Lin, K. M., & Liu, Z. (2006). Working hard or hardly working? Gender, humor, and the performance of domestic chores in television commercials. *Mass Communication & Society*, 9(2), 215-238. https://doi.org/10.1207/s15327825mcs0902_5

- Seguino, S. (2011). Help or hindrance? Religion's impact on gender inequality in attitudes and outcomes. *World Development*, 39(8), 1308-1321. <https://doi.org/10.1016/j.worlddev.2010.12.004>
- Serrão, C., & Formiga, N. S. (2013). Análise estrutural do Inventário de Sexismo Ambivalente em estudantes portugueses do ensino superior. *Encontro: Revista de Psicologia*, 16 (24), 9-21. [<https://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/10182/1/NovoA9R31CE%20Revista%20Encontro.pdf>]
- Sibley, C. G., Wilson, M. S., & Duckitt, J. (2007). Antecedents of men's hostile and benevolent sexism: The dual roles of social dominance orientation and right-wing authoritarianism. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 33(2), 160-172. <https://doi.org/10.1177/0146167206294745>
- Sierra, J. C., Moyano, N., Vallejo-Medina, P., & Gómez-Berrocal, C. (2018). An abridged Spanish version of Sexual Double Standard Scale: Factorial structure, reliability and validity evidence. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 18, 69-80. <https://10.1016/j.ijchp.2017.05.003>
- Simões, C. S. A. (2022). *Adoção e educação de crianças por parte de casais homossexuais. Um estudo sobre opiniões de estudantes de Ensino Superior*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Évora.
- Simões, V. D. N. (2021). *Crenças sexistas de adolescentes portuguesas*. Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra.
- Sink, A., & Mastro, D. (2017). Depictions of gender on primetime television: A quantitative content analysis. *Mass Communication and Society*, 20(1), 3-22. <https://doi.org/10.1080/15205436.2016.1212243>
- Somech, A., & Drach-Zahavy, A. (2016). *Gender role ideology*. *The Wiley Blackwell Encyclopedia of Gender and Sexuality Studies*, 1-3. <https://doi.org/10.1002/9781118663219.wbegss205>
- Sousa, B. D. C. (2015). *Expectativa dos e das adolescentes relativas ao futuro: influência dos estereótipos de género*. Tese de Doutoramento. Universidade do Minho.

Torres, A. (coord.), Pinto, P. C., Costa, D., Coelho, B., Maciel, D., Reigadinha, T., & Theodoro, E. (2018). *Igualdade de género ao longo da vida: Portugal no Contexto Europeu*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Unicef (2017). *Gender Equality - Glossary of Terms and Concepts*. Unicef Regional Office for South Asia. [<https://www.unicef.org/rosa/media/1761/file/Genderglossarytermsandconcepts.pdf>]

Vaamonde, J. (2010). Valores y sexismo en adolescentes argentinos. *Revista Salud & Sociedad, 1*, 113-124. [<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=439742463005>]

Velasco, A., & Hernández G. (2017). Tradicionalismo en mujeres adultas de Jamay, Jalisco, desde las premisas psico-socioculturales de la familia mexicana. *Revista Electrónica de Psicología Iztacala, 20*(4), 1296-1313. [<https://cutt.ly/QJ72mYa>]